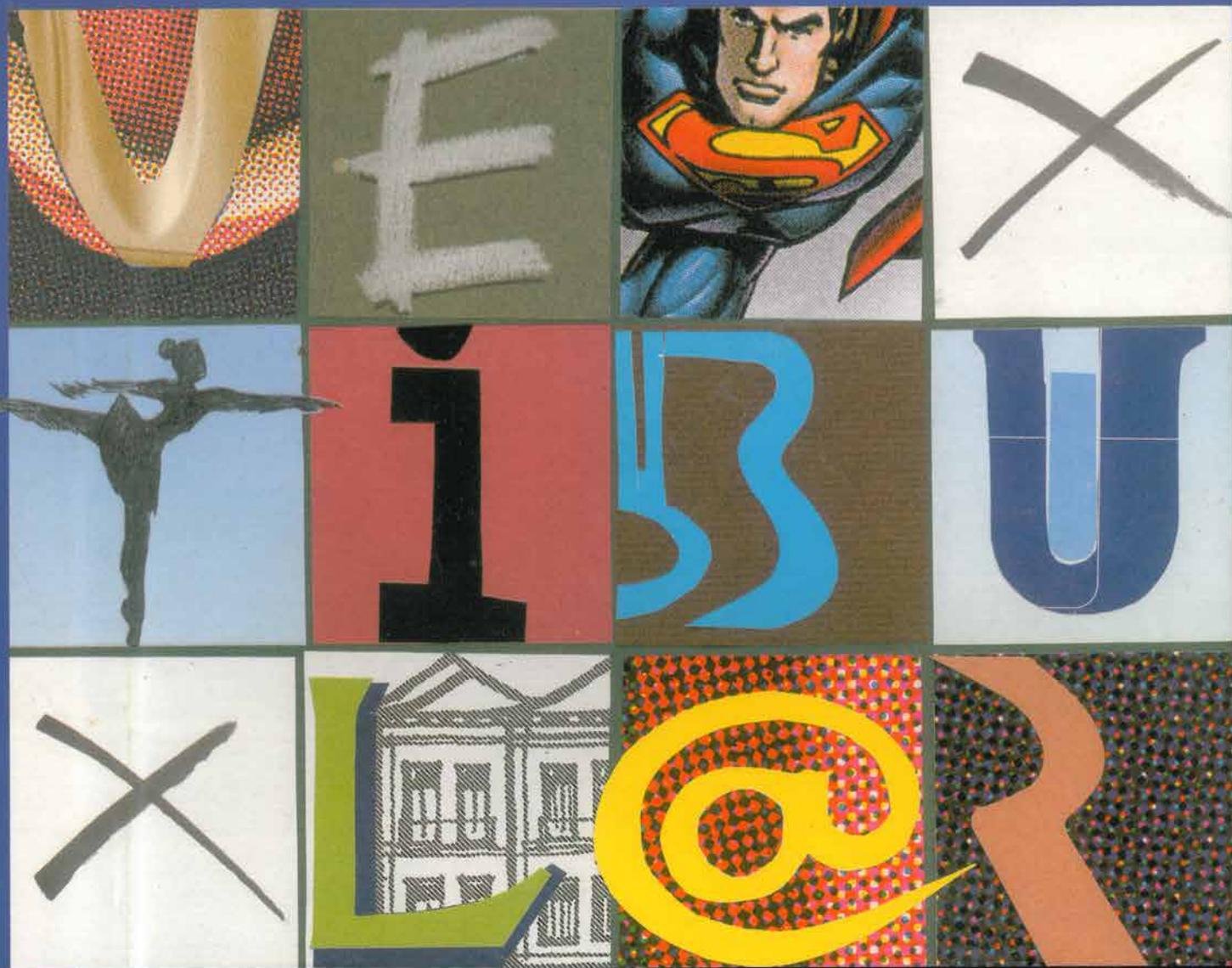


a chama



Os jovens diante do
desafio do vestibular

SEM MEDO DA
TELEVISÃO



POR DENTRO
DA ESCOLA



REINVENTANDO
O BRASIL



BARRADOS
NO BAILE



DE BEM
COM A VIDA



NERVOS À
PROVA



COM A MÃO
NA MASSA



GÊNIO
INDOMÁVEL



PARABÉNS
SÃO VICENTE!



UMA BANDEIRA
DE LUTA



3^o
Cartão

2
4
6
10
13
16
21
22
25

EXPEDIENTE

a chama

Ano XXVI – Nº 60
junho/2000

Revista editada pela APM
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (021) 556 0796 – e-mail: apmcsvp@iname.com

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú e Jorge Faulhaber
Coordenação Editorial: Regina Marteleto
Redação e Edição: Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães
Projeto Gráfico: Oswaldo Eduardo Lioi
Ilustrações: Bruno Hanna, Iuri Lioi e Robson Gomes (4ª capa)
Colaboração: Gilberto de Carvalho e Antônio Moraes (Serviço Audiovisual / CSVP - fotos)
Revisão: Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães
Editoração: Wesley Lemos
Capa: Oswaldo Eduardo Lioi (Produção Gráfica)

DIRETORIA DA APM

Casal Presidente: Jorge Wood Faulhaber e Maria Cristina B. Faulhaber
Casal Vice-Presidente: Oswaldo Eduardo Lioi e Carla Lioi
Casal Relações Públicas: Clóvis Speroni e Luciana Vasconi
Casal Tesoureiro: Duarte Machado Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente
Casal Secretário: Jésus de Alvarenga Bastos e Regina Maria Marteleto
Casal Representante dos Professores: Roseli e Sidnei Vasconcellos

Quando assumimos a direção da APM sabíamos que uma das nossas atividades seria coordenar a edição da “chama”. Mais do que isso: tornar a revista um efetivo veículo de divulgação da filosofia da Escola e uma ferramenta no processo educacional e pedagógico.

Diversas vezes, no passado, acompanhei a dedicação do Pe. Almeida e do Pe. Lauro num esforço quase quixotesco para realizar a revista. Inúmeras edições foram realizadas graças à dedicação individual deles.

Assim, assumimos que, ao final da nossa gestão, teríamos uma revista estruturada, com um projeto consistente tanto no sentido gráfico como na produção do conteúdo.

A primeira fase deste projeto já pode ser observada no número passado, quando procuramos criar as identidades visuais e o estilo gráfico.

Para este número conseguimos dar mais um passo: a inclusão dos alunos na geração do conteúdo. Um passo fundamental no objetivo de ser a revista uma ferramenta no processo educacional e pedagógico.

Esperamos estar concluindo o projeto no próximo número da revista. Contamos com a colaboração de todos enviando seus comentários, críticas e sugestões.

Este é um trabalho da nossa comunidade, para a nossa comunidade. E somente estará completo com a participação de todos.

Jorge Eduardo Faulhaber

SUMÁRIO

CAPA

Vestibular? Haja adrenalina! _____ 16

ESPECIAL

O país que nós queremos _____ 6

ENTREVISTA: Lurdes Trindade

Luz, câmera, educação! _____ 2

COMO SE FAZ

Conselho de Classe: uma prática libertadora _____ 4

FÓRUM

Censura liberada _____ 10

AÇÕES SOCIAIS

Distribuindo solidariedade _____ 12

Herança viva de São Vicente _____ 12

De igual para igual _____ 12

AÇÃO PEDAGÓGICA

A vida agradece _____ 13

ESPAÇO APM

Notas _____ 20

Aprendizes da notícia _____ 21

PERFIL: Hugo Martins Pinheiro

O bruxo mais querido _____ 22

FAZENDO E ACONTECENDO _____ 24

ETC...

Em clima de festa _____ 25

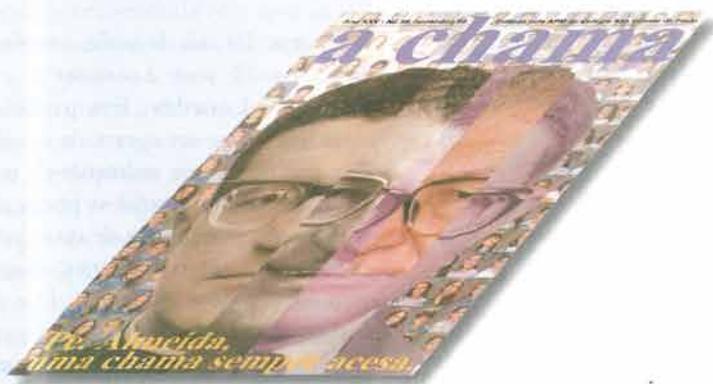
Nem tudo que educa é aula _____ 28

Jovens cientistas _____ 29

De olho nas urnas _____ 30

Formandos 1999 _____ 31

ESPAÇO ABERTO e CARTAS _____ 32



Luz, câmera,



Maria de Lourdes, professora de geografia, fala sobre mídia e ensino

A chama: *Como começou sua experiência com tele-educação?*

Maria de Lourdes: Começou em 1994, quando recebi um convite da TVE /RJ para fazer o programa “Um Salto Para o Futuro”. Nesse programa, durante uma hora, duas semanas por semestre, eu ficava no ar, ao vivo, respondendo às perguntas dos professores do Ensino Fundamental sobre Estudos Sociais. Este trabalho foi feito até 1997.

A chama: *O que é e qual a proposta do programa “Futura na sala de aula”, no qual a sra. vem trabalhando?*

Maria de Lourdes: O Programa “Futura na Sala de Aula”, produzido pela TV Futura, objetiva a análise de alguns temas que serão trabalhados por professores e alunos nos quatro níveis de ensino (Educação Infantil; 1ª /4ª ; 5ª/8ª e Ensino Médio). Vários temas já foram abordados. Participei de três: Ecologia, Cidades e Regiões Brasileiras. É um trabalho muito interessante porque, além de se fazer um exercício de verticalização de conceitos, é preciso muita criatividade para adequar temas tão complexos às fases iniciais do ensino. Cada um desses temas deve ser dividido em cinco subtemas que serão veiculados de segunda a sexta-feira em dois horários. O meu trabalho mesmo é escrever os textos, orientar os roteiristas na transformação dos mesmos para linguagem de televisão e editar imagens que assegurem as idéias e conceitos expostos no texto.

A chama: *Sempre existiu muito preconceito em relação à televisão, que costuma ser considerada uma mídia alienante. Se é que*

existe alguma lógica própria ao meio audiovisual, a TV que se propõe a ser educativa foge a essa lógica?

Maria de Lourdes: Sem dúvida, a TV que se propõe a ser educativa foge à lógica mais comum do meio televisivo. Nessa minha experiência de trabalho em dois canais educativos, sinto que a TV Futura se aproxima mais dos objetivos de uma TV educacional, pois não é todo tempo didática. Nela, por exemplo, há um programa de animação de livros infantis, muitos seriados de meio ambiente, análise de filmes comerciais discutindo certos temas e há também aqueles programas para serem usados em sala de aula.

“A TV deve ser um dos vários recursos que o professor deve ter em mãos para desenvolver um trabalho crítico e reflexivo”

A chama: *Do lado da mídia, como fazer um canal de TV servir à educação?*

Maria de Lourdes: Em primeiro lugar, não deve ser a cara da escola. Tem que usar o que realmente ela tem de diferente da escola: o poder da imagem. Mostrar coisas de qualidade, como jornalismo, debates, documentários e peças artísticas. Dar ao professor possibilidade de reciclagem e criar no aluno o hábito de uma imagem/mensagem de qualidade.

Ela vive entre as salas de aula e os estúdios de TV. Mas não se trata de nenhuma artista, pelo menos não no sentido mais comum da palavra.

Hoje trabalha nos bastidores, mas já enfrentou as câmeras para uma tarefa bem mais difícil do que representar: ela respondia no ar, ao vivo, perguntas feitas por outros professores.

Foi assim que Maria de Lourdes Trindade, professora de Geografia do São Vicente, começou seu namoro com tele-educação. E não parou mais. Atualmente, é produtora de um programa na TV Futura.

Formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, ela transformou a experiência com a televisão em uma dissertação de mestrado na área de educação.

Nesta entrevista, Maria de Lourdes nos fala um pouco sobre o seu trabalho, TV e educação.

educação!

A chama: *E do lado da escola, como fazer a TV auxiliar no processo pedagógico?*

Maria de Lourdes: O professor deve ficar de olho para fazer a seleção. Mas é importante ressaltar que o uso da TV não é a única solução para o ensino. Deve ser um dos vários recursos que o professor deve ter em mãos para desenvolver um trabalho crítico e reflexivo.

A chama: *A TV foi o primeiro grande suporte da educação à distância. Hoje, com a Internet, essa idéia se popularizou. Já existem, inclusive, cursos universitários virtuais. Como a sra. vê o projeto de educação à distância na atualidade e quais as suas potencialidades?*

Maria de Lourdes: A educação à distância apresenta-se como uma prática educativa mediatizada por materiais e meios de comunicação que possibilitam um maior acesso ao conhecimento por um número muito grande de pessoas. No Brasil, historicamente, teve o seu uso supletivo, tanto no sentido de suprir a escolaridade básica para adultos que não tiveram oportunidade de estudar em idade própria, como no sentido de substituir, para a população carente, a existência de oferta escolar. Tornou-se sinônimo de instrução, treinamento, adestramento, formas pouco recomendáveis quando se pensa em educação dialogal, participativa e de construção do conhecimento. Para que seja eficaz, deve ter as seguintes características: ser participativa apesar da distância; partir da realidade e fundamentar-se na prática social dos estudantes; abrir caminhos para a expressão e a comunicação; fundamentar-se na produção de conhecimentos e, principalmente, desenvolver uma atitude pesquisadora.



“O importante é ter sobre a TV um olhar crítico, alertando sobre os valores explícitos e implícitos de suas mensagens e, muitas vezes, usando-a como contraponto de nossas reflexões”

A chama: *Como a sra. integrou o São Vicente com o seu trabalho na TV?*

Maria de Lourdes: Como a minha área é a Geografia — o estudo do espaço em constante transformação pelos homens — tenho na imagem uma grande aliada. Uso muitos filmes, documentários, desenvolvo o projeto “A Geografia vai ao Cinema”, no qual utilizo filmes comerciais para discutir questões da Sociedade/Espaço/Natureza e, principalmente, divulgo as experiências didáticas bem sucedidas do São Vicente (Geografia e Estudos Sociais) nos programas educativos.

A chama: *A partir da sua experiência, a sra. define a televisão como uma aliada ou uma inimiga da educação, da criança e do jovem?*

Maria de Lourdes: Não concordo com essas duas opções dicotômicas. A TV não é nem inimiga nem aliada. Ela é um dos meios de comunicação que possui uma poderosa influência em nossa cultura. É um instrumento de educação informal, porque “ensina” de forma atraente e voluntária (ninguém é obrigado, ao contrário da escola). O importante é ter sobre ela um olhar crítico, alertando sobre os valores explícitos e implícitos de suas mensagens e, muitas vezes, usando-a como contraponto de nossas reflexões.■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

CONSELHO DE

As pessoas só crescem quando se encontram para pensar sobre sua atuação e enquanto esta reflexão participada as ajuda a classificar seus passos e aperfeiçoar esta mesma atuação.

Neste sentido, a avaliação está basicamente relacionada ao fator que possibilita aos homens tornarem-se mais humanos e cada vez mais livres, na tomada de consciência de si e de sua realidade.

A crença de que a avaliação possa acontecer num determinado momento e de que, para que ela ocorra, precisa necessariamente de um sujeito que avalia e de outro, passivo, que é avaliado, está cada vez mais distante de nossa prática pedagógica. Compreende-se, cada vez mais, dentro da escola, que é fundamental, para um processo de avaliação formativa, constatar e refletir sobre as transformações pelas quais os grupos e as

pessoas passam, numa busca consciente de crescimento coletivo nas relações pedagógicas.

A escola tem buscado prever e estimular momentos específicos para avaliar o processo educativo, nos quais todos os envolvidos param, conversam, contam suas experiências, dificuldades e possibilidades; expressam seus sentimentos em relação ao trabalho já realizado, o que conquistaram e o que falta conquistar; apresentam sugestões para a sua continuidade e melhoria. O Conselho de Classe é um momento fundamental de encontro, dentre outros que temos planejado.

Ao final do trimestre reúnem-se, com mais formalidade, na avaliação do trabalho de cada turma, professores, representantes dos alunos, inspetores, orientadora educacional, coordenadora pedagógica, coordenadora acadêmica e o diretor, cada qual munido de seus relatórios, síntese de muitos momentos

de avaliação vividos naquele período. Reúnem-se para a hetero-avaliação na busca de um consenso para o replanejamento de uma nova etapa de trabalho, sem perder de vista que é sempre cada um, sujeito de seu próprio desenvolvimento, que deve avaliar-se, identificar sua real situação, direcionar concretamente sua ação com vistas à transformação pessoal e do grupo com que atua.

Este processo é feito em intenção, cotejando dados, instrumentos, pontos de vista, critérios de valor. Temos vivido momentos de muita riqueza que, com muito gosto, quero compartilhar.

Na realização do projeto pedagógico em que nos lançamos, é preciso desvelar, a cada situação analisada, não só as forças de resistência ali contidas e que nos colocam impasses, mas também as forças de crescimento que nos possibilitarão ultrapassá-los.

A partir desse olhar, podemos ver

“Compreende-se, cada vez mais, dentro da escola, que é fundamental, para um processo de avaliação formativa, constatar e refletir sobre as transformações pelas quais os grupos e as pessoas passam.”



CLASSE: UMA PRÁTICA LIBERTADORA

que aquela turma que brinca o tempo todo, dificultando o desenvolvimento próprio da aula, impedindo que aqueles que têm maior dificuldade expressem suas dúvidas, é, por outro lado, uma turma amiga, carinhosa, guardando valores que podem ser mobilizados para um amadurecimento do grupo; podemos ouvir a fala de um representante que aponta como os alunos estão percebendo as questões de prova muito mais exigentes que os exercícios propostos em aula e solicitando do professor uma gama mais variada de atividades, que os levem a vivenciar desafios maiores, em aula, quando o professor poderá orientá-los e perceber melhor suas dificuldades; podemos ainda perceber quando outro representante escolhe as palavras mais adequadas e cuidadosas para dizer ao professor que a turma espera dele uma maior aproximação afetiva, porque ele se mostra muito distante, sério, impedindo os alunos de ficarem à vontade para fazer perguntas e realizarem uma aula mais dialogada e motivada, levando o professor a responder que não percebia assim, que iria refletir sobre isso e tentar modificar esta situação; enche-nos de alegria quando um outro avalia que o professor tem tomado medidas mais enérgicas e mais exigentes porque a turma estava sem nenhuma seriedade para o trabalho, que isto foi compreendido e que a aula ganhou muito em qualidade.

O espírito da proposta de avaliação que deve ser vivenciado na escola é de predominância do trabalho constante e cotidiano sobre o esforço de última hora, medido através de um único instrumento: a prova, ao final do trimestre.

Assim, os resultados apresentados, síntese de uma variedade de atividades realizadas, estão sintetizados num mapa

de notas finais para serem avaliadas por todos. Nesse momento, algumas interrogações são feitas: “Por que 70% dos resultados desta turma, nesta matéria, estão abaixo da média? Que hipóteses podemos levantar?”

“Os resultados numéricos não têm, dessa forma, valor neles mesmos, mas enquanto apontam problemas que nos desafiam a buscar soluções criativas.”

Nesta hora, o professor se queixa que muito mais da metade da turma não tem feito as tarefas de casa; um outro informa que a interpretação das questões carece de um melhor desenvolvimento de leitura; o aluno-representante propõe um trabalho mais dirigido para a linguagem dos enunciados. Os resultados numéricos não têm, dessa forma, valor neles mesmos, mas enquanto apontam problemas que nos desafiam a buscar soluções criativas. A orientadora e as coordenadoras, a partir daí, estão com elementos para desencadear todo um processo de acompanhamento do trabalho no próximo trimestre, junto aos alunos e aos professores.

Um outro foco de crescimento, no sentido de uma avaliação libertadora, que tem sido buscado nos Conselhos de Classe, é aquele que nos impulsiona no sentido de passarmos de professores

a educadores e formadores. Este processo de crescimento vai sendo evidenciado, na medida em que questões tais como a desarticulação, a apatia e a não participação de uma turma preocupam-nos tanto como seus resultados acadêmicos que, afinal, podem estar bem. Às vezes nos preocupam até mais que os resultados. Esta situação nos remete a analisar se os conteúdos e a metodologia que estamos usando estão voltados para facilitar a melhoria dos aspectos formativos e valorativos desse grupo. E vem o depoimento de um professor, por exemplo, de matemática, que está investindo no trabalho de leitura crítica das situações matemáticas, provocando discussões em sala sobre manipulação de dados, utilizando problemas bem sintonizados com a vida comunitária, como, por exemplo, análise de um extrato bancário, de uma conta de telefone, de artigos e anúncios de jornal, etc. Sua expectativa é despertar os alunos para uma reflexão política, uma postura mais participativa, um uso mais consciente da linguagem matemática e, conseqüentemente, para maior motivação nas aulas e uma visão mais crítica da sua realidade.

Muitas outras propostas semelhantes começam a aparecer, no sentido de ultrapassarmos a simples aquisição de habilidades e conteúdos informativos para o desenvolvimento de atitudes e valores.

Este tem sido o trabalho nos nossos Conselhos de Classe, descobrindo caminhos para realizarmos nosso projeto pedagógico e fazermos uma Educação orientada para a Transformação Social. ■

Nina Maria Cunha
Coordenadora Pedagógica

Brasil - 500 anos

O PAÍS QUE



Comemorar vem do latim *commemorare*, "fazer recordar, lembrar". Isso quer dizer que comemorar os 500 anos de descobrimento do Brasil pelos portugueses não significa necessariamente festejar a data, mas lembrar dela.

Não se pode esquecer que, no dia 22 de abril de 1500, a esquadra de Pedro Álvares Cabral avistou a terra que mais tarde se chamaria Brasil.

Se a data marcante nos obriga a comemorar, a questão passa a ser: de que forma?

No Colégio, não houve uma festa especial, porque talvez não haja grandes motivos para isso, mas o aniversariante não poderia ser esquecido. A opção foi levar os alunos a refletirem sobre aspectos e personagens que compõem a realidade social brasileira.

Dentro desse espírito, ainda que indiretamente, dois grandes eventos acabaram marcando, no São Vicente, as comemorações pelos 500 do Brasil: a visita dos índios guaranis e o aniversário do supletivo.



ESCOLA INDÍGENA

KYRINGUE IJAYU

ANDAÍ: abóbora

ANGUJA: rato

AVAXI: milho

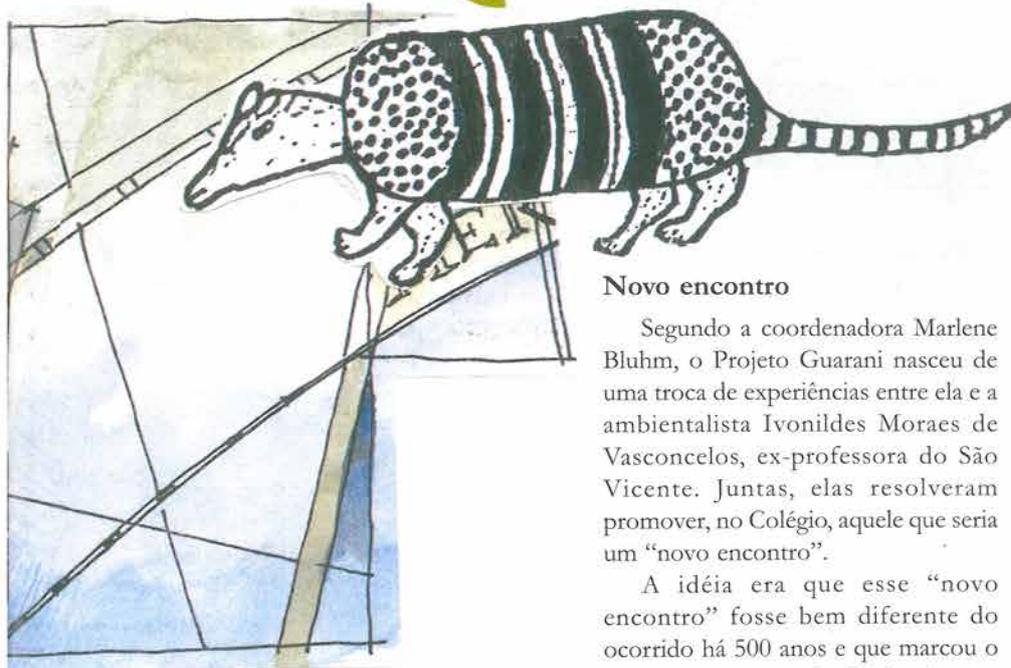
EIRU: abelha

GUA'A: papagaio

HAXA: machado



NÓS QUEREMOS



GUARANI KYRINGUE VOTYTY

PORÃ VEA para criança falar melhor

IPO: mão

JAXI RAY: lua nova

KA'I: macaco pequeno

MAJ'PO: mandioca

NARÃ: laranja

OPY'I: casa



OVEVE: voando

POPO: borboleta

RAVE: violino

TAKUARE'Ê: cana de açúcar

TATU: tatu

URU: galinha

XIVI: onça

YY: água

Novo encontro

Segundo a coordenadora Marlene Bluhm, o Projeto Guarani nasceu de uma troca de experiências entre ela e a ambientalista Ivonildes Moraes de Vasconcelos, ex-professora do São Vicente. Juntas, elas resolveram promover, no Colégio, aquele que seria um “novo encontro”.

A idéia era que esse “novo encontro” fosse bem diferente do ocorrido há 500 anos e que marcou o início de um período de dominação, opressão e extermínio do povo nativo.

Na data escolhida, dia 19 de abril, os alunos esperavam ansiosos pelos visitantes — índios guaranis da Reserva de Bracuí, em Angra dos Reis. No ginásio da escola, pequenos repórteres da 4ª série, munidos de papel, lápis e máquinas fotográficas, aguardavam a oportunidade de conhecer os representantes de uma outra cultura, muito diferente da deles. O clima era de curiosidade e respeito.

A chegada do grupo, formado por Potê — filho do cacique, um dos chefes da tribo — e suas três filhas — Pará (17 anos), Pará-i (11 anos) e Ara-i (8 anos) — e que representava os cerca de 350 integrantes da aldeia, deu início à programação.

Para começar, a apresentação dos convidados, feita por dona Ivonildes. Ela falou sobre a ONG AVICRESS (Associação na vida, crescimento e solidariedade), que está ajudando os índios a publicarem uma cartilha em guarani. E explicou: “A importância dessa cartilha é a manutenção da identidade indígena”.

Em seguida, todos ouviram atentamente uma das faixas do CD gravado pelos índios. Ao final da música, muitas palmas e a expectativa pelas palavras de Potê.

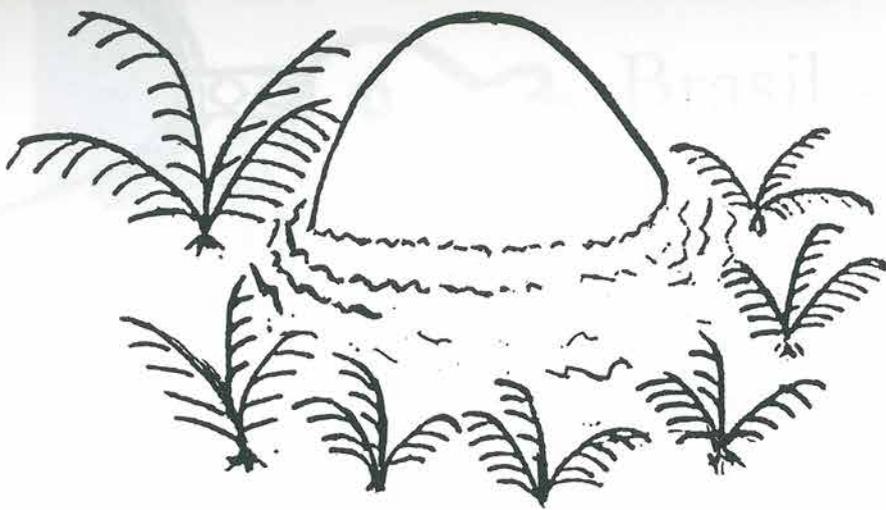
O chefe não se intimidou diante da platéia e, de forma simples, segura e cativante, começou sua narrativa sobre a cultura e o povo guarani.

Potê contou as dificuldades enfrentadas pelos índios, que não podem plantar, porque suas terras cultiváveis foram invadidas e não podem caçar, porque o Ibama proíbe. Hoje, segundo ele, a sobrevivência da aldeia depende da criação de peixes e pequenos animais, da venda de artesanato — feito comunitariamente — e, muitas vezes, da caridade alheia.

Para quem estranhou as roupas que eles usavam, falou: “As pessoas acham que índio tem que usar tanga e se pintar. Isso não é verdade. A roupa está por fora, o importante é que o índio aprenda o que é ser guarani. O jeito de ser guarani é que faz um guarani”.

Por isso, uma de suas maiores lutas é pela educação indígena. Na escola da aldeia, da qual é diretor, o objetivo é valorizar a cultura indígena, buscando outros conhecimentos nas demais. “Antigamente...”, conta Potê, “...o que havia eram escolas para guaranis que só passavam a cultura dos brancos. Hoje, temos uma escola guarani, onde todos aprendem o guarani e isso é muito importante, para que o índio possa escrever a sua própria história, que sempre foi escrita pelos brancos.”

Depois de explicar muitas coisas sobre a cultura de seu povo, chegou a hora de Potê ser entrevistado. Primeiro foi a vez de o professor Alexandre, de geografia, fazer perguntas formuladas por seus alunos. Depois foi a vez das crianças. A cada pergunta, uma lição muito mais completa do que a que se lê nos livros.



O BRASIL 500 ANOS DEPOIS

Para quem não tem memória curta, as comemorações oficiais do descobrimento do Brasil não representaram tanta novidade assim. Não, é claro, pela data em si, pois os 500 anos só poderiam ser festejados no ano 2000; mas pelo fato de que as promoções há pouco encerradas mantiveram uma tradição oficial no nosso país. Assim, em 1972, em plena ditadura militar, quando a repressão e a tortura campeavam, os restos mortais de D. Pedro I foram trazidos solenemente de Portugal, tendo percorrido várias capitais. No mesmo ano, os acordes do Hino da Independência serviram de prefixo ao noticiário da Agência Nacional. Com isso, a ditadura julgava estar festejando 150 de independência do país.

Essas comemorações possuem um traço comum, um elo de ligação entre iniciativa de governos de natureza político-ideológica distintas: um ditatorial, o outro não. Em linhas gerais, essas iniciativas representam menos uma obrigação em preservar o respeito às chamadas “datas magnas” do Brasil, do que um esforço político no sentido de inculcar na sociedade civil a concepção de evolução do país. Essa concepção, além de possuir “momentos marcantes” como a independência e o descobrimento, por exemplo, entende-os como passos que o Brasil deu e dará ao encontro de seu destino ou seu porvir, como é preferido por muitos.

Impor uma perspectiva crítica ao momento presente vivido pelo Brasil vale tanto ou mais do que lastimar ou louvar prioritariamente as comemorações oficiais. Quando o empenho governamental buscou um acontecimento passado para comemorar, o fez para elegê-lo como símbolo do momento inicial da trajetória brasileira, que hoje tem nele o condutor.

Embora os festejos estivessem programados há muito, não seria uma leviandade afirmar que a expectativa foi bastante ansiosa para seus organizadores, mas os festejos acabaram lembrando certos casamentos em que os pais estão contentes e os noivos tristes. Em verdade, a maioria da sociedade deu as costas para eles. Ao convidar os nativos, ainda nomeados pelo vocabulário colonizador como indígenas, para a festa na Bahia, o governo deu-se mal. De saída, porque esqueceu dos negros, o grande sustento histórico desse país por quase 400 anos de escravidão, nos seus 500 anos de vida oficial. E, além de tudo, porque acabou empregando a violência diante dos protestos de nativos e de outros cidadãos. Atitude que, aliás, expressou o que as autoridades estavam prevendo e temendo, dado o aparato de segurança montado.

Talvez o contraste entre a grandiosidade dos festejos oficiais e o seu desenrolar tenha contribuído um pouco para que se possa entender o Brasil de hoje. Talvez tudo isso possa abrir nossos olhos para o fato de que não se pode negar a existência de um divórcio entre governo e classes dominantes de um lado e a maioria da sociedade civil do outro. Já se disse que o Brasil é uma festa. Só que com muito poucos no salão e a grande maioria do lado de fora.

Luiz Sérgio Dias
Professor de História - CSVP

“Para os índios...”, disse Potê, “...o Brasil não se chama Brasil, mas ‘Nossa terra’ — nome que remete ao tempo em que os índios viviam livres, numa terra sem fronteiras e sem divisões.”

Quanto aos “500 anos”, ele foi enfático: “Os índios não têm motivos para festejar. Há 500 anos somos massacrados, ora com as armas ora moral e socialmente.”

Potê também falou do descaso das autoridades, do fracasso do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e da Funai (Fundação Nacional do Índio): “O SPI tinha um ‘grande projeto’ para os índios: ensinar a plantar. Usaram o trabalho do índio nas grandes plantações de soja. Eles ajudaram a construir grandes fazendas, mas não ganharam nada com isso”.

Ele explicou que os índios estão tentando resgatar a sua cultura e as suas tradições e disse que, na aldeia, os mais velhos se encarregam de passar adiante todo o conhecimento que têm.

Para terminar a programação da manhã, uma aula de dança indígena, a leitura de uma poesia feita pelo aluno Antônio de Oliveira Filho (T. 44) e a venda de artesanato. Era hora do almoço e os convidados foram levados para o refeitório. No caminho, puderam ver os painéis sobre pintura corporal indígena, um trabalho de artes e estudos sociais, feito pelos alunos da 1ª série do Ensino Fundamental com tintas confeccionadas a partir de argila e terras encontradas na Escola.

Depois do almoço, mais festa no ginásio. Chegou a hora do encontro dos “chefes”. Potê presenteou Pe. Lauro — a Grande Sabedoria — e Marlene Bluhm — a Sabedoria Curumin — com cocares, usados com orgulho até a partida dos visitantes. Houve apresentação do coral das crianças, sob o comando da professora Norma, e mais bate-papo.

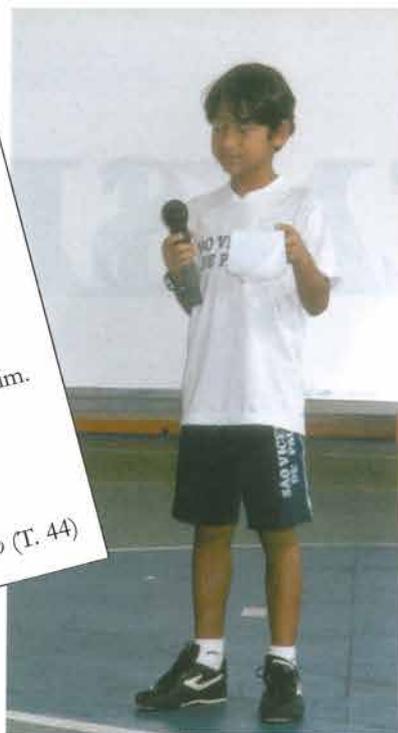
Ao fim da visita, a entrega de alimentos e produtos de higiene recolhidos pelos alunos. O “novo encontro” atingiu plenamente seus objetivos e, como define a professora Marlene: “Não foi festinha de índio, foi ‘festinha’ nos índios, tradução de respeito, afago e carinho”.

OS ÍNDIOS

Caçadores e pescadores por natureza,
Ora valentes ora fugitivos, no sertão aberto,
Mostrando dignidade como se faz na realeza,
Que a luta é, hoje e sempre, o caminho certo.

Forte e viril a qualquer dia ou hora,
Vai tangendo a vida como quer Tupã enfim.
Não recua nunca, nunca vai embora.
É fugidío às vezes, porque o destino ordena assim.
Tem sangue de bravo em plena pulsação,
Mas, por vezes, as facetas da vida os atraem
A sentir e a chorar com o coração na mão.

Antônio Soares de Oliveira Filho (T. 44)



WILLIAM (T. 34)

Celebrando a inclusão

No dia 28 de abril, à frente de um enorme mapa do Brasil e diante de um auditório lotado, o professor José Fernandes, coordenador do Curso de Educação de Jovens e Adultos, antigo Supletivo, abriu o encontro, explicando a todos os motivos da festa. Segundo ele, o evento marcava a coincidência de três importantes acontecimentos: o aniversário do curso, criado em 1974; a Páscoa de Jesus Cristo e os 500 anos de realização da primeira missa em solo brasileiro, em 26 de abril de 1500.

Em seu breve discurso, falou que o Supletivo foi criado na época da Páscoa e que traz, em si, uma proposta pascoal, de transformação da vida. Lembrou que, de alguma forma, “a cruz plantada na praia de Coroa Vermelha, em Porto Seguro, na Bahia, legalizava a invasão portuguesa e dava início ao processo de exclusão e imposição de uma cultura tipicamente européia”. E concluiu: “não adianta ficar lamentando ou condenando os pecados sociais do passado. É hora de reconhecer nosso valor como povo e enfrentar o desafio de redescobrir, reinventar e recriar um novo Brasil onde haja mais inclusões e menos exclusões”.

Começaram as apresentações e, uma a uma, as turmas foram proporcionando aos presentes momentos de emoção e reflexão.

Cantando e representando, os alunos denunciaram toda forma de violência sofrida pelo povo: falta de emprego, escola, moradia, entre outros. Fizeram desfilar pelo palco todos os tipos de excluídos: mendigos, prostitutas, retirantes, deficientes, idosos... E afirmaram seu desejo por um Brasil de respeito, justiça, dignidade, paz, união e solidariedade.

Pe. Lauro disse algumas palavras e a cerimônia prosseguiu com a leitura de um texto do aluno José Donceu sobre a bandeira brasileira (ver 3ª capa). Donceu, de 24 anos, veio da Paraíba, há quatro anos, sem saber assinar o nome. Hoje, depois de dois anos e meio no São Vicente, diz que vai lutar para terminar a 8ª série e continuar estudando. E completa: “Quem tem vida tem esperança”.

O evento terminou com a execução do Hino Nacional. No palco, Donceu chorava, segurando a bandeira do Brasil.

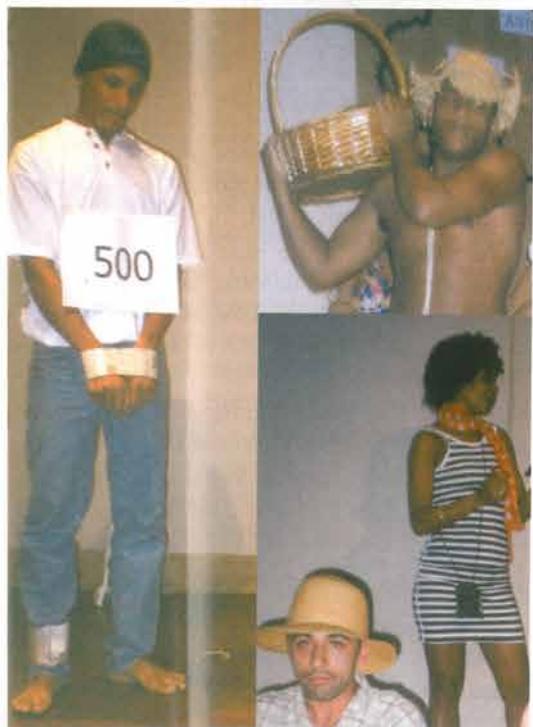
No pátio, para completar a festa, cachorro-quente, refrigerante, bolo e a certeza do dever cumprido.

E para o futuro?

Hoje, a imagem do país não é das melhores. A prova disso pode ser vista no trabalho feito pela professora Abigail, de português, com a 6ª série. Nos telegramas “enviados” ao aniversariante, o nome e o endereço do destinatário mostravam o resultado de tantos anos de descaso e a necessidade de reflexão: “Brasil de Poucos, Rua do Desemprego” (Mariana Conrado, T. 62), “Brasil dos Privilegiados, Bairro do Crime e Humildade” (Ivo e Bernardo, T. 62), “Brasil de Trabalhadores e Bandas Podres, Rua Gigante” (Pedro H. e Pedro B., T. 64). Mas resumiam também os votos da maioria dos brasileiros: “Parabéns 500 anos. Esperamos que mude na violência, nas diferenças sociais e com os desfavorecidos. Desejamos paz e mudanças.” (André Valois e André Leão, T. 64).■

As ilustrações dessa matéria foram retiradas da cartilha indígena “KYRÍNGUE IJAYU PORÁ VEA

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



CENSURA L

Proibido para menores! Filme recomendado para maiores de 14 anos! Só entra com mais de 18! Cadê a carteira de identidade?

Na mesa redonda da sala do conselho do São Vicente, os alunos Clara de Andrade, 17 anos, (3ªA), Carolina Bastos, 15, (1ªD) e Pedro Struchiner, 14, (1ªA); as mães Eneida Camanho Coelho (arquiteta) e Ana Lúcia Bandeira de Mello (psicanalista); a professora Angela Paiva e o coordenador comunitário Artur sentaram para debater as necessidades, os tipos e os limites da censura. E o papo foi realmente sem censura.

O que deve ser censurado?

Pedro: Coisas que estimulem o uso de drogas, vandalismo, racismo. Aquilo que perturbe a tranqüilidade da população, que ponha em risco as pessoas.

Angela: Existe um embasamento sociológico nisso. Quando se tem liberdade total, há uma tendência da própria sociedade de ter uma rejeição às práticas que vão de encontro aos seus costumes. Há pouco tempo teve um caso de homossexualismo em uma novela e os personagens foram explodidos no final. Houve uma rejeição, ou seja, essa sociedade ainda não está pronta para conviver com isso na televisão.

Eneida: Uma coisa que me preocupa muito é que as pessoas valorizam sempre o lado negativo de tudo. É preciso despertar para o lado positivo da vida. Os filmes são violentos, cada vez mais horrorosos. Ninguém agüenta viver assim. Para mim, essa censura é mais necessária do que qualquer outra.

Ana Lúcia: Você tem que colocar limites. Mas a nossa censura interna é muito mais importante do que a externa.

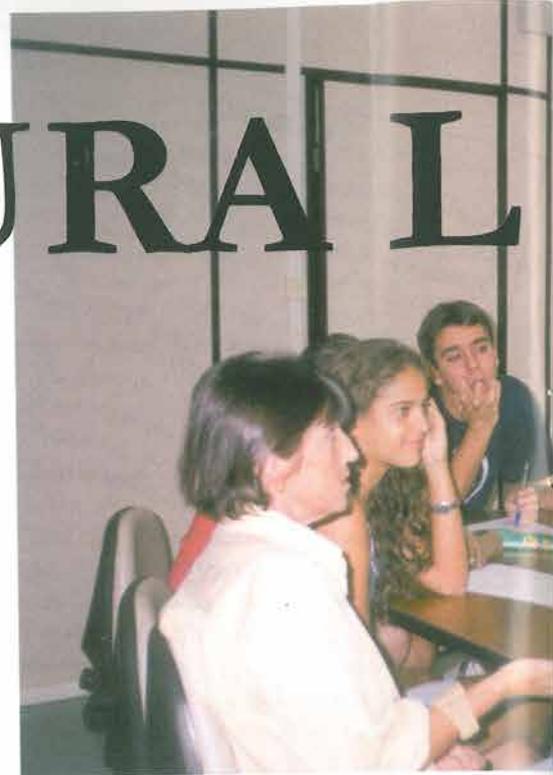
Angela: Na época da ditadura, nós tivemos uma censura cotidiana. Hoje, temos liberdade de expressão, mas falta bom senso. E na falta dele é que vem a censura oficial.

Artur: Eu gosto de uma certa transgressão. Porque eu acho que é o que permite que as coisas avancem. Sem isso fica meio complicado porque não vem o novo. A questão é pensar como é que a gente permite a entrada do novo sem que isso violento demais.

Angela: Mas o novo não necessariamente passa pelas mazelas da sociedade. Eu acho importante a gente não banalizar a perversidade, o negativo, a violência.

A censura do lado de fora

Artur: Eu vivi uma experiência interessante. Assim que acabou a censura, cada um levava seus filhos



aonde quisesse. Eu peguei o jornal e li: “As meninas”, peça sobre a situação da mulher em três etapas da sua vida. Eu, minha mulher e minha filha, que tinha quatro, cinco anos, fomos assistir a peça. Desde a entrada do teatro, todo mundo ficou espantado. Só que quando eu cheguei lá dentro, na verdade, eram três travestis e a peça era de um baixo nível. Depois de cinco minutos eu saí. Faltou, naquela hora, uma indicação, para os pais, do que era a peça. Aí a decisão estaria nas minhas mãos.

Carolina: Mas, hoje em dia, mesmo acompanhado dos pais, você não entra. Eu fui ao cinema com o meu pai e a minha mãe assistir “Meninos não choram” e não pude entrar.

Clara: Outro dia um menino foi barrado e mandou uma carta para o jornal dizendo: “Depois eu cheguei em casa e assisti *sexytime* e por aí vai”. Mandou muito bem!

Carolina: Mas antigamente, com a presença dos pais, não existia isso.

Artur: Não sou a favor de liberar sem família não. Agora, não deixar os pais decidirem já é demais, né?

Falsificação de documentos

Angela: Quando existem muitas regras, elas vão ser quebradas.

Clara: Eu vou fazer 18 anos. E daí? O que que vai mudar?



IBERADA



Angela: Existe um problema legal aí, porque o menor não sofre pena.

Maioridade aos 16 anos?

Eneida: Falsificar um documento é uma coisa séria. Envolve ética, moral... Eu tenho uma filha de 16 anos que sofre a mesma coisa. Outro dia ela pediu à irmã a carteira. E ela me perguntou: "Posso?" E eu achei aquilo absurdo. Mas que situação difícil!!! Ela chegou à conclusão de que estava errada. O que eu acho que falta para vocês é um lugar que vocês possam frequentar.

Carolina: Agora, em todos os lugares que você vai, o segurança olha a sua carteira e sabe muito bem que é falsa.

Artur: Mais complicado do que o menino que falsifica é como os adultos se posicionam diante disso. É como eu disse: transgredir, para eles, é absolutamente natural. O problema vem quando a gente compactua com isso. Por exemplo, o cara da boate que sabe que a carteira é falsa e deixa você entrar. Nós já tivemos aqui casos bem complicados. Teve um de a mãe reclamar que nós não podíamos recolher o documento da filha. Era um documento falso que a própria mãe levou ao cartório para fazer a autenticação! Agora, eu acho que essa questão da idade traz a

discussão sobre classe social. Nós aqui falamos em baixar a idade porque, para esta classe, isso significa dirigir mais cedo, entrar na boate. E a gente esquece o outro lado. Para a outra classe social, baixar a idade significa que um menino desses que roubou uma carteira vai ser jogado dentro de um presídio.

Pedro: Eu acho que tem que ter uma indicação. "Indicado para maiores de 18 anos". Nunca uma proibição.

Angela: Eu vejo aí uma defasagem entre normas e costumes. A garotada hoje de 16, 17 anos não tem nada a ver com o que eu fui nessa idade. São muito mais espertos, muito mais informados. A lei não acompanha a realidade.

A Internet

Carolina: Eu achava que a Internet não tinha que ser censurada. Mas outro dia abri uma *home page* que colocava frases enormes mandando matar os negros! Ai não pode...

Angela: Isso tem a ver com o processo civilizatório. No século passado, era natural achar que mulher não tinha que votar. Hoje, não se faz mais apologia da superioridade masculina. Quem faz usa a *home page*. Isso tem que ser censurado porque a humanidade já censurou. Permitir isso é voltar atrás.



O que é censurável?

Angela: Eu censuraria essas idéias hediondas. Tudo que fere a dignidade humana.

Eneida: A falta de moral e de respeito. Essa banalidade, essa falta de idéias, que é uma grande falta de respeito com todos nós.

Pais e filhos

Carolina: Os pais têm autoridade de censurar, é óbvio. Mas o mínimo que eu quero é saber o motivo da censura. Tem que conversar: ou eles me convencem ou eu os convenço.

Pedro: A princípio, os pais agem pelo que acham ser o melhor para os filhos. Tem que negociar com eles.

A censura de ontem

Ana Lúcia: Eu vivi toda aquela experiência da censura que vinha de fora. Mas quanto mais proibia, mais dava vontade de transgredir. Por isso que a censura tem que ser permeável. A nossa família sempre teve por hábito discutir tudo. E os meus filhos também discutem. São os mesmos argumentos. Eu fico furiosa, mas entendo que essa troca é muito boa.

Artur: Especificamente em relação aos meus pais, a preocupação era com o sexo, com droga. Eu não me sentia muito censurado não. O maior choque que eu tive com o meu pai foi quando eu quis sair com uma botinha *beattle*. E ele questionou: "Mas como o meu filho vai sair com uma botinha dessas?"■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

Colaboraram: Adriana Rennó,
Gustavo Martins, Iara Velloso, Mignel Sá
Marcelo Canejo (fotos) e Thomaz Almeida



Graúna DE IGUAL PARA IGUAL

Sexo, droga, gravidez e AIDS foram os temas abordados no primeiro debate entre adolescentes do São Vicente e da Fundação São Martinho. O encontro, ocorrido no Museu Histórico Nacional, no dia 5 de maio, faz parte de uma parceria da São Martinho com o Comitê Graúna e envolveu cerca de 80 jovens das duas instituições. Foi uma grande oportunidade de troca e de crescimento mútuo. ■ (Marcelo Canejo, 3º A)



Voluntárias da Caridade Herança viva de São Vicente

Em agosto de 1617, na cidade francesa de Chatillon-lesna, o então Pe. Vicente de Paulo fundou a Confraria da Caridade, atuais Voluntárias da Caridade.

Hoje, as Voluntárias da Caridade atuam em 44 países do mundo, formando a Associação Internacional de Caridades de São Vicente de Paulo.

O trabalho envolve 250 mil mulheres voluntárias ativas nos cinco continentes e tem representação em diversos organismos internacionais, como a Unesco e o Conselho da Europa.

No Brasil, há núcleos ou grupos de voluntárias em 15 estados. No estado do Rio — Regional 6 Rio — existem quatro núcleos. Um desses quatro núcleos, o do Colégio São Vicente, comemora, em agosto, 40 anos de fundação.

Com o objetivo de ajudar a quem precisa, as Voluntárias desenvolvem atividades como a doação de enxovais para bebês, o fornecimento de cestas básicas, a manutenção de creches e o atendimento a idosos e desempregados.

O trabalho é realizado com apoio dos padres da Congregação da Missão, do Pe. Lauro Palú — Assessor Eclesiástico Internacional das Voluntárias da Caridade —, das Filhas da Caridade e de toda a comunidade vicentina.

Segundo Tanya Buarque de Almeida, presidente do Regional 6 Rio, as Voluntárias mantêm, até hoje, os objetivos e determinações que orientaram a sua fundação: socorrer o corpo e a alma dos pobres, ser uma caridade organizada, servir à Igreja e ser serva dos pobres.

Quem quiser participar é só procurar o grupo, cujas reuniões acontecem toda terça e quinta-feira, das 14 às 17h, no Colégio. ■



Grauninha DISTRIBUINDO SOLIDARIEDADE

O Natal marcou o encerramento das atividades do Grauninha em 1999.

Primeiro, o Colégio abriu as portas para as crianças da Fundação Santa Bárbara. Os convidados brincaram muito com as professoras, lancharam e fizeram a festa com os presentes que enchem as sacolas dadas por seus “padrinhos” e “madrinhas”. A comemoração foi completa e, como lembra a professora Edna Cardoso, “a visão do pátio cheio de pessoas felizes, sorrindo com os lábios e os olhos, sem distinção de cor, idade ou religião, era a certeza de se estar realizando um verdadeiro Natal”. Uma semana depois, foi a vez de o Colégio entregar os brinquedos doados pelos alunos às crianças da Casa de Apoio Ronald (Instituto Nacional do Câncer).

Mas o tempo não pára e o Grauninha já realizou a sua primeira campanha do ano 2000. O objetivo? Recolher leite em pó para a Casa de Apoio. A estratégia? Colar cartazes por todo o Colégio a fim de sensibilizar os alunos. O resultado? Quase 500 latas de leite, entregues no dia 26 de abril, e mais um importante contato com a Nestlé, interessada em maiores informações sobre a obra assistencial. É isso aí! ■

A VIDA AGRADECE

Revised - T.34

“Senhores passageiros, está um lindo dia e faremos nosso passeio a Arraial do Cabo. É... mas o que temos para mostrar talvez não agrade muito aos olhos. Amigos, o meio ambiente está reclamando. Há muito choro e o objetivo maior dessa viagem é mostrar um pouco desse choro, para, quem sabe, tomarmos consciência de que realmente é preciso mudar”. Com essas palavras, lidas pela guia Letícia Pimentel (t. 61), começava a “Viagem a Arraial do Cabo”, uma das inúmeras atividades da Feira da Saúde e do Meio Ambiente, realizada, no Colégio, no dia 06 de maio.

A Feira, o primeiro de três eventos que compõem a Projeto Vida Viva, foi um grande sucesso. Exposições, oficinas, palestras e atividades esportivas dividiram a atenção do público que, em meio a muita diversão, aprendeu coisas importantes sobre temas como: poluição, preservação ambiental, reciclagem de lixo, alimentação e tantos outros.

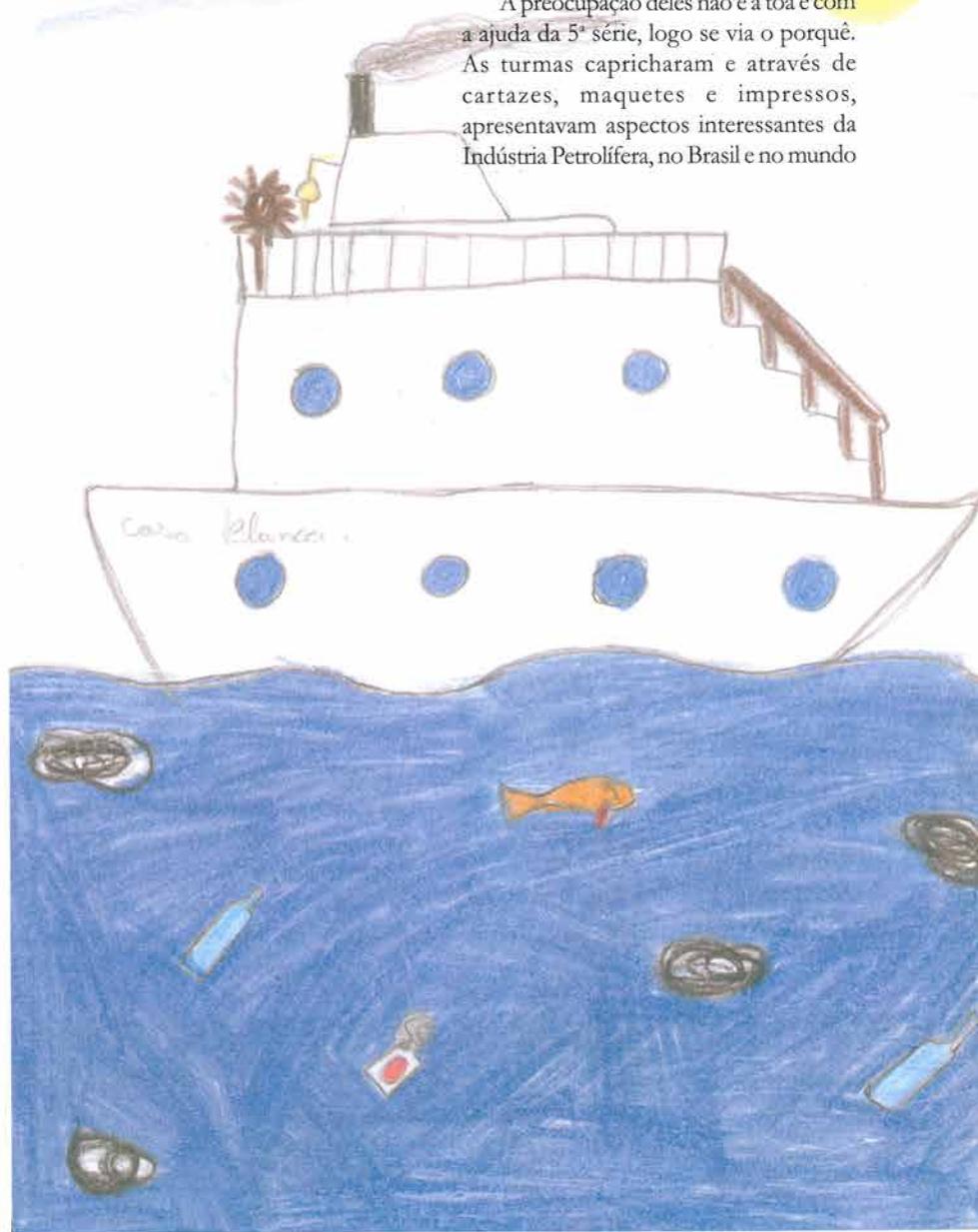
Dois objetivos principais orientaram a realização do evento. O primeiro foi o de trazer questões de Saúde e Meio Ambiente para o espaço da escola, a fim de, através da ação pedagógica, realizar um trabalho de prevenção e superação de problemas. O segundo era o de dar continuidade à missão institucional de “formar agentes de transformação social”, criando formas de convivência integrada, bem diferente daquela inspirada no positivismo cientificista.

A partir desses fundamentos e de situações do cotidiano, os professores desenvolveram projetos integrados com seus alunos. O apoio dos pais foi fundamental e o resultado não podia ser melhor. O que se viu foi uma verdadeira lição de vida em sociedade.

As várias faces do petróleo

Na entrada da exposição, a mensagem dos alunos Leo, Bruno e João Gabriel, da turma 53, era: “Que o petróleo seja administrado por gente com coração de Deus”.

A preocupação deles não é à toa e com a ajuda da 5ª série, logo se via o porquê. As turmas capricharam e através de cartazes, maquetes e impressos, apresentavam aspectos interessantes da Indústria Petrolífera, no Brasil e no mundo

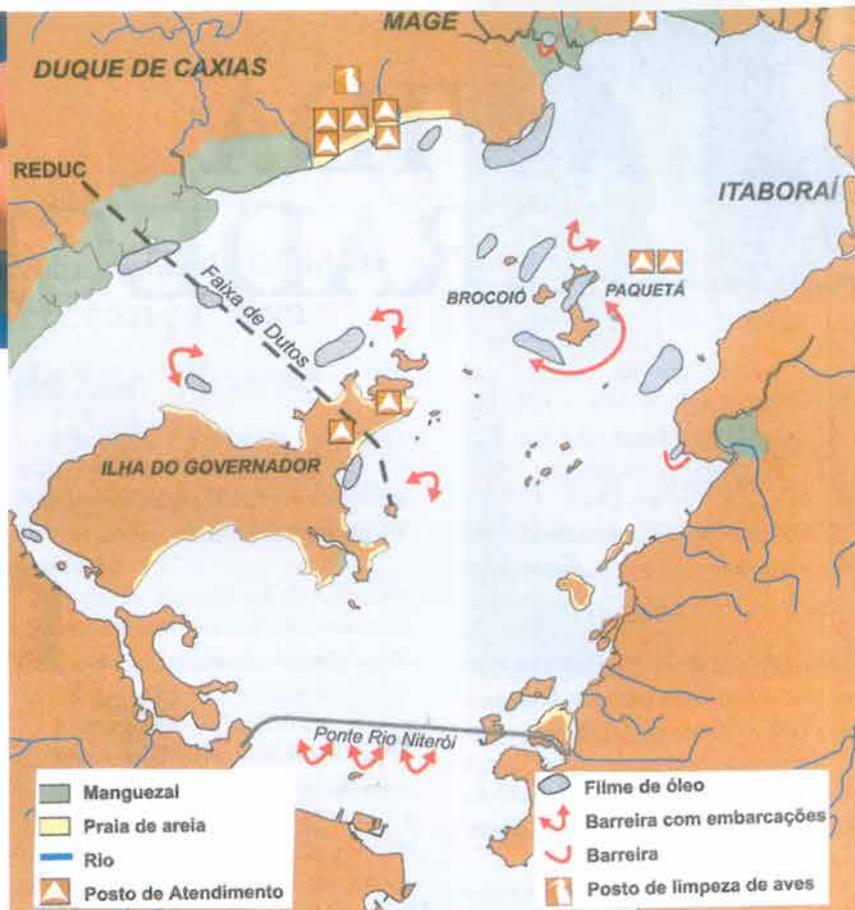




Estava tudo lá, da prospecção à enorme variedade de produtos derivados de petróleo que usamos no dia-a-dia; do sonho do escritor Monteiro Lobato — um dos inspiradores da campanha “O petróleo é nosso” — ao importante papel desempenhado pela Petrobrás no cenário mundial; dos benefícios dessa poderosa fonte de energia aos grandes desastres ecológicos que ela pode causar.

O recente acidente ocorrido por causa do rompimento de um duto da Refinaria de Duque de Caxias foi tratado com seriedade pelos alunos. E, se houve espaço para a denúncia, houve também espaço para o debate, com a palestra “O que fez a Petrobrás após o derramamento de óleo na Baía da Guanabara?”

Mas se o tema petróleo é apaixonante, ele não é o único. E a Feira tinha ainda muita coisa para mostrar.



SITUAÇÃO NO DIA 24 DE JANEIRO

O lixo de todos nós

Na hora de falar do lixo, a palavra de ordem era: reciclagem. Foi com essa idéia que as turmas de 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental trabalharam a questão.

A exposição de papel reciclado contribuiu para conscientizar o público sobre o assunto.

No “Jogo da Limpeza”, as regras eram claras: “Você enterrou lixo orgânico para aproveitá-lo como adubo. Avance 4 casas”. E desse jeito, a criançada pôde, brincando, aprender dicas importantes sobre a coleta e o tratamento do lixo.

Na exposição de robôs, as crianças provaram que a fórmula “lixo mais

imaginação é igual a muita brincadeira” está absolutamente correta. Usando “lixo limpo” trazido de casa, elas construíram robôs para as mais variadas tarefas. E tinha robô para tomar conta de criança, para dar aulas de música e até para “secar” o time adversário.

O trabalho dos alunos foi tão bom que serviu de inspiração para adultos e crianças que participaram da oficina “Lixo que vira arte”. Com todo tipo de sucata, eles construíram bonecos, carrinhos e tudo o mais que a imaginação permitisse.

Brincadeiras à parte, o lixo é mesmo um caso sério e foi isso que vimos nos vários trabalhos que tratavam de poluição ambiental.



DA ESQUERDA PARA DIREITA: NATALIA CIDADE, RAFAEL PEREIRA, CAIO SAPORITO E FERNANDA CAMPELLO.





Natureza poluída

Dando continuidade à “Viagem para Arraial do Cabo”, já estamos na Ponte Rio-Niterói e as palavras de Letícia, a nossa guia, são enfáticas: “Nossa! Mais uma expressão de descaso para com a Mãe Terra. Quanta poluição! Navios sangrando preto, cinza, petróleo! Olhem só o estado em que se encontram os peixes! Olhem as gaivotas!”.

Esse triste quadro, descrito pela 6ª série, pôde ser visto de perto pelos alunos da 3ª série, num passeio de barco pela baía. A excursão, programada pelas professoras Neuza, Nanci, Sônia e Leda, de estudos sociais, complementou a matéria sobre o Município do Rio de Janeiro e acabou gerando a exposição “Baía da Guanabara”.

Na exposição, relatos, desenhos e fotos, feitos pelas crianças, mostravam tudo sobre o passeio, realizado a bordo do navio Casablanca: “Nós vimos garrafas de plástico e de vidro, sacolas de supermercado, óleo derramado, pedaços de pano, latinhas de refrigerante, sacos de biscoito etc.” (Beatriz e Tatiana, t. 33)

Outra atividade relacionada ao tema foi a palestra com Luciana Sandroni, autora do livro “Ludi vai à praia”, utilizado pela 3ª série num projeto de literatura.

Na Feira, a poluição foi vista como uma doença a ser tratada se quisermos salvar o planeta. Mas... se o assunto é doença... Que tal falarmos sobre saúde?

Saúde é o que interessa...

Quem foi ao São Vicente não tem dúvidas: a saúde anda de mãos dadas com a higiene, as atividades físicas e a boa alimentação.

Na parte de higiene pessoal, uma divertida aula dada pelo ex-aluno e atual estudante de odontologia Felipe Belford. Em sala, as crianças assistiam ao desenho “Volta ao mundo com Dr. Dentuço”. Depois do filme, no banheiro, era a vez da fluoretação e da escovação prática.

As atividades físicas ocuparam vários espaços do Colégio. Teve loga para crianças e adultos, aulas de Reeducação Postural Global e Consciência Corporal, e muitos jogos no ginásio esportivo.

Sobre alimentação, para começar, duas interessantes pesquisas sobre os hábitos alimentares dos próprios estudantes.

A primeira foi realizada pelas professoras da 1ª série junto aos seus alunos e obteve dados surpreendentes: das 111 crianças pesquisadas, 26 estavam sem o café da manhã; oito, sem almoço; 35, sem o lanche e 23, sem o jantar. Além disso, mostrou que, entre essas crianças, apenas 28 comem verduras, 42 comem legumes, 18 comem frutas e 24 comem peixe.

Diante desse resultado, as professoras concluíram que é extremamente necessário que família e escola orientem as crianças no que diz respeito a hábitos alimentares mais saudáveis.

Na segunda pesquisa, alunos da 4ª série fizeram a análise das calorias existente nos produtos vendidos na cantina da escola. Diversas tabelas, construídas com auxílio das professoras Leila, de matemática, e Bia, de informática, mostravam de forma atrativa os resultados do trabalho.

E se o que se come estava lá bem retratado, o que se desperdiça também ganhou destaque.

A sala 14 foi transformada numa “lanchonete” de “alimentos alternativos”, preparados com ingredientes que geralmente jogamos fora: as cascas, talos e sementes de frutas, verduras e legumes.

Ação pedagógica

Alunos da professora Rosana, de ciências, trouxeram de casa pratos como, “casca de batata frita”, “suco de casca de abacaxi” e “doce de casca de melancia”. A quantidade de gente na sala era a prova do sucesso das receitas que, para alegria geral, foram reunidas num simpático livrinho.

Mas não foi só pela boca que os alunos fisgaram o público e a sala 15 foi transformada num imenso atelier, onde pais e filhos fizeram belos trabalhos utilizando grãos e sementes. A oficina, cuja idéia era de que nem só de pão vive o homem, complementava um projeto realizado com os alunos, pela professora Monica Albertino. O projeto gerou dois painéis que reuniam pequenos desenhos nos quais, inspirados pela música “Comida”, dos Titãs, as crianças respondiam a pergunta: “Você tem fome de quê?”. E, como sempre, as respostas surpreendiam...

Fim da viagem

Durante cinco horas, foram inúmeras as oportunidades de diversão e aprendizagem. Teve palestra sobre tabagismo, aula de primeiros socorros — com o Sargento Evangelista do Corpo de Bombeiros —, vacinação para os alunos, teatro, cantinhos de leitura e muitas outras opções.

No encerramento das atividades, a apresentação de ginástica rítmica desportiva encantou o público. Entre as atletas, D. Graça, uma “menina” de 80 anos, deu a todos uma lição de bem viver.

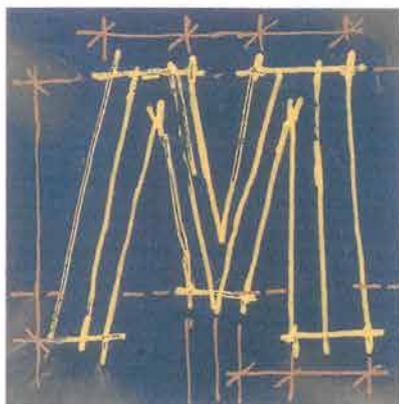
Bem... nosso ônibus, já chegou ao seu destino: a Praia do Forno, em Arraial do Cabo. Uma praia limpíssima e, segundo a guia Letícia, um belo exemplo de preservação da natureza.

“Passageiros” e público ficaram satisfeitos: a “viagem”, assim como a Feira, superou as expectativas. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



Vestibular?



Medo. Tensão. Angústia. Ansiedade. Insegurança. Dúvida. São muitos os sentimentos que atacam, literalmente, os jovens que entram no 3º ano do Ensino Médio e se vêem frente a frente com o monstro do vestibular.

O exame seletivo que os alunos prestam para tentar uma vaga na universidade mexe com o comportamento da maioria dos jovens e, de quebra, com o dos pais e dos professores. Este ano, com as mudanças implementadas no exame da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a insegurança é ainda maior.

Segundo a psicóloga do São Vicente, Patrícia Rubim, o vestibular traz em si duas questões fundamentais: ao mesmo tempo que o jovem está se colocando à prova socialmente, ele é obrigado a escolher uma profissão. “Esse é um momento muito doloroso, porque quando você escolhe uma carreira, está abrindo mão de todas as outras. E essa decisão é cada dia mais precoce”, analisa Patrícia.

A ruptura

Escolher uma profissão, fazer um exame, decidir o futuro. Para o vestibulando, esse parece ser um momento de total ruptura, quase um caminho sem volta. “O vestibular mesmo não me assusta. O que me apavora é o compromisso que vem a partir dele. Qualquer dia eu vou ter que me sustentar, ganhar o meu dinheiro e por aí vai...”, diz Diana Fichman, do 3ºB. E continua: “Além de tudo, esse é o meu último ano no colégio. É a minha despedida!”.

O primeiro desafio é decidir por uma profissão. Marcelo da Costa Nicolau, 17 anos, aluno do 3º C, está em dúvida entre Direito e Medicina. Parece eclético? Nem tanto. Na verdade, ele está longe de ser uma exceção. Dividida entre Medicina e Ciências Sociais, Olívia Von Der Weid, 17 anos, do 3ºC, reclama: “Não sei o que vou fazer. Isso é o que mais me angustia. É uma decisão precipitada”. Marcelo faz coro: “Errar na escolha da profissão é uma coisa que me assusta muito”, confessa.

Nesses momentos, muitas vezes é preciso intervir. E o que a escola pode fazer para ajudar? O São Vicente oferece, já a partir da 8ª série do Ensino Fundamental, palestras que auxiliam na escolha da profissão. Desde o ano passado, acontece a Feira do Trabalho, que mostra uma outra visão do trabalho, diferente daquela que compõe o esquema do vestibular. Além disso, quando há demanda, o colégio promove, através da psicóloga, a oportunidade de escolha de profissões, seguindo uma linha clínica.

O mais importante é quebrar o determinismo. “Muitos jovens entram na universidade, se decepcionam e trocam de curso. E isso é normal. Eles precisam saber que essa decisão não tem que ser definitiva”, explica Patrícia.



O exame

Depois das inúmeras dúvidas e discussões, o aluno decidiu o curso que vai fazer. Pronto. E agora? Tradicionalmente, o “agora” era o momento de esperar a prova. Depois das mudanças no vestibular da UERJ, a prova antecede a escolha.

De qualquer forma, é preciso se preparar para o exame. E isso significa muito mais do que estudar. Antes de tudo, é preciso manter a calma e controlar o estresse e a ansiedade.

O nível de alteração de comportamento no jovem por ocasião do vestibular pode ser tão grande que vários psicólogos e psiquiatras já se especializaram no atendimento a vestibulandos. Até na internet é possível encontrar sites de aconselhamento desse tipo.

E os medos não são poucos. “Assusta você ter que se destacar no meio de milhões de pessoas que, a princípio, fizeram exatamente o mesmo que você”, desabafa Marcelo.

“O vestibular só vai acabar quando houver vaga para todo mundo na universidade”.

Prof. Edson Boia

Haja adrenalina!

VESTIBULAR, VESTÍBULO

“Vestibular” é uma dessas palavras cujo sentido se desbota com o uso excessivo. Quando se depara com ela, o jovem pensa em concursos e provas, e pode não se dar conta do sentido que lhe é mais próprio. Vestibular vem de vestibulo, que vem a ser “peça por onde se passa para entrar numa casa e que, freqüentemente, serve de passagem para outros cômodos”.

Esta é a realidade com a qual nossos jovens alunos da terceira série do Ensino Médio se defrontam. Ano após ano vivemos juntos com eles esta passagem. A reflexão de como orientá-los na abertura da porta de um desses cômodos é contínua. A nossa missão como professores-educadores é delicada.

Cada um dos nossos alunos tem características singulares e cada família possui ansios e sonhos para seus filhos. Como poderemos então ajudá-los?

Primeiramente, é importante que, nesse momento de busca, se perceba como o jovem vê o mundo e a si mesmo. Devemos lembrar que, nessa idade, esta visão de si e do mundo costuma ser oscilante, podendo ser tanto carregada de muita paixão como de muito desânimo. Enquanto a paixão impede o olhar mais realista, o desânimo, gerado pela insegurança, atrofia as vontades. Essa situação não nos é estranha: lembremo-nos das nossas angústias quando tínhamos 18 anos!

Feita a escolha, há necessidade de mostrar que a porta hoje aberta pode não ser a definitiva, pois sempre existe a possibilidade de se retornar ao vestibulo para um novo percurso e, desta vez, com mais maturidade.

Por fim, devemos saber que aprender a discernir sobre a sua vida e a conseqüente escolha que essa ação provoca fazem parte de um processo doloroso na medida que provoca o abandono, mesmo que provisório, de outras paixões e outros desejos.

Estejamos juntos com eles neste vestibulo, desafiando-os a pensar o que poderá haver atrás de cada uma das portas quando abertas e estimulando-os a percorrer os novos caminhos com seriedade, em busca de sua realização como homem e cidadão.

Cristina Caldas
Coordenadora Pedagógica de
Ensino Médio do CSVP

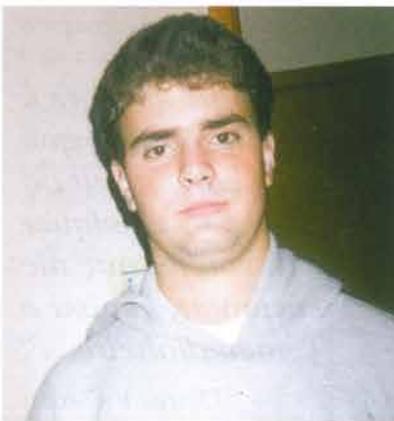


“Não sei o que vou fazer. Isso é o que mais me angustia.”

Olívia Von Der Weid

São coisas que afetam todo o ambiente em volta. Jovem estressado, família estressada. E a recíproca é absolutamente verdadeira. “Quando um filho presta vestibular, a família toda faz junto com ele”, diz Patrícia. Em geral, mesmo que indiretamente, o vestibulando tende a se sentir pressionado. Segundo a psicóloga, o principal, nesse momento, é a família procurar perceber e atender as necessidades do jovem: se ele está nervoso, tentar acalmá-lo; se está relaxado, cobrar um pouco; e, se está desanimado, dar o devido incentivo.

E o professor? “Eu não me sinto testado de forma alguma. Nós temos que procurar acalmar o aluno”, diz Edson Boia, que ensina biologia no São Vicente e tem 28 anos de profissão. Mas nem sempre é assim. A fórmula “aluno inseguro é igual a professor ansioso” muitas vezes é aplicável. “Com certeza o professor se sente testado. A gente sofre tudo que eles sofrem”, diz Juçara Costa, professora de química. E completa: “Este ano isso está bem pior, por causa das mudanças no processo seletivo”.



“Assusta você ter que se destacar no meio de milhões de pessoas que, a princípio, fizeram exatamente o mesmo que você”.

Marcelo Nicolau



As mudanças

A grande disputa no vestibular é por uma vaga nas universidades públicas, o que torna o processo seletivo dessas instituições cada vez mais competitivo.

Pela primeira vez, a UERJ oferece dois “exames de qualificação”, ambos com questões de múltipla escolha. O primeiro aconteceu no dia 21 de maio. Os alunos só fazem os dois se quiserem: podem optar só pelo primeiro ou só pelo segundo. Em qualquer das hipóteses, recebem um certificado que tem validade por dois vestibulares.

O resultado no exame de qualificação permite acumular bônus para o exame discursivo. Somente na inscrição deste exame é escolhida a carreira.

Os alunos que acertarem mais de 70% da prova de qualificação ganham 20 pontos para a discursiva; quem ficar entre 50% e 70% ganha 10 pontos; entre 30% e 50% de acertos significa aprovação, que garante a realização do exame discursivo, mas sem nenhum bônus; por fim, quem só acertar até 30% da prova está reprovado e não pode fazer a prova discursiva.



“A gente sofre tudo que eles sofrem. Eu acabo prestando vestibular todo ano”.

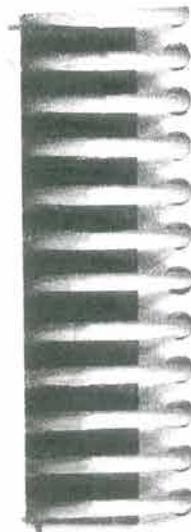
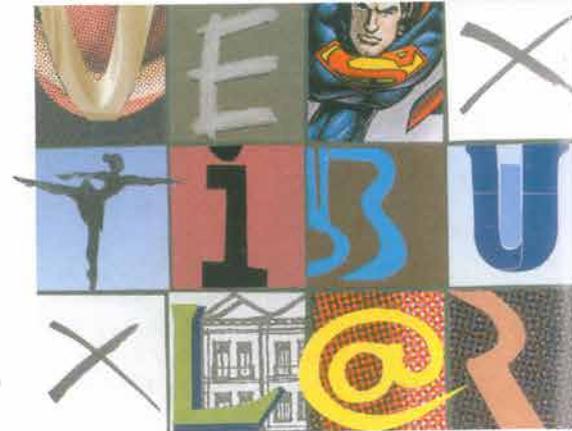
Prof. Juçara Costa

Se essas modificações vão melhorar ou piorar o resultado do vestibular, ainda não se sabe, mas o impacto não foi pequeno. Dúvida é a regra geral. “Todo mundo está inseguro: alunos, pais, professores e escolas. Mas temos que pensar o seguinte: ‘e se for para melhor?’”, avalia a psicóloga Patrícia Rubim. Mas nem todo mundo embarca nesse quase otimismo: “Eu acho que essas mudanças têm o objetivo de eliminar o aluno através da pressão. Parece que só tem amadores fazendo isso”, revolta-se Marcelo, com a autoridade de um vestibulando.

Por que vestibular?

No debate sobre o vestibular, o que muitas vezes aparece em jogo é a relação entre competência e competitividade.

Ao lançar a competência nessa discussão, o vestibular surge como sintoma de uma sociedade que só reconhece um tipo de conhecimento.



858 - Gill Sans Normal

ABC
abcd

ABCDEFGHIJKLMNO

“O que me apavora é o compromisso que vem a partir do vestibular. Qualquer dia eu vou ter que me sustentar, ganhar o meu dinheiro...”

Diana. Fichman

O VESTIBULAR

O acesso ao Ensino Superior, desde há muito tempo, é encarado como um rito de passagem, sintetizado numa palavra: VESTIBULAR. É hora de desmistificar a palavra e o rito, embora, é claro, não seja uma tarefa simples. Por um lado existe uma forte carga emocional sobre os candidatos e suas famílias, para a qual concorrem a mídia, as próprias Universidades, os colégios e os cursos preparatórios. Principalmente há um fato inexorável: o número de vagas oferecidas aos que pretendem ingressar no Ensino Superior, em especial nas instituições públicas, é insuficiente para atender à demanda, na maioria das carreiras. Em algumas, como Medicina, Odontologia e Comunicação Social, a relação candidato/vaga chega a ser massacrante, acima de 30 candidatos disputando uma única vaga.

Assim sendo, embora seja dever do Estado oferecer vagas em número suficiente, isto hoje pode ser considerado uma utopia. Portanto, torna-se inevitável uma seleção para o acesso ao Ensino Superior.

Desde que a nova LDB entrou em vigor, em dezembro de 1996, o vestibular deixou de ser a única forma legal de acesso. Portanto, é o momento de se discutir novas formas, procurar alternativas. Várias Instituições de Ensino Superior têm colocado o assunto em discussão, tanto internamente como com as Escolas de Ensino Médio. Algumas maneiras já têm sido experimentadas com maior ou menor sucesso, embora seja prematuro afirmar que já existe uma solução.

A nossa reflexão, neste momento, sobre a estrutura da seleção de candidatos ao Ensino Superior, que esperamos sirva como contribuição na busca da melhor alternativa para os candidatos e para a Universidade que os receberá como alunos, pode ser assim resumida :

É necessário existir um processo de seleção ao Ensino Superior, uma vez que o número de vagas é menor que o número de candidatos. O modelo pode ter variações, mas deve ser um processo de seleção acadêmica. Isto significa que o processo deve ser igualitário para todos os candidatos à mesma carreira, não havendo nenhuma discriminação de qualquer ordem ou reserva de vagas sob qualquer pretexto. O processo deve preservar a competência e a qualidade do candidato ao prosseguimento de seus estudos em nível superior, sem, no entanto, deixar de ser justo. Talvez este seja o objetivo mais difícil de ser alcançado: a seleção deve ser de tal forma balanceada que abranja um conteúdo programático que, sem perda de qualidade, seja compatível a um estudante concluinte do Ensino Médio; valorize o esforço do aluno em suas horas e horas de estudo, mas não exija fórmulas prontas e acabadas que propiciam o adestramento. Enfim, uma seleção na qual o conteúdo será avaliado mediante aspectos de raciocínio, compreensão, análise, síntese ou qualquer outra nomenclatura mais moderna, com as competências e habilidades.

Como fazer ? Ainda não sabemos. Mas sabemos que o caminho a ser percorrido é longo e deve ser trilhado passo a passo, sem mudanças radicais. A Universidade e a Escola de Ensino Médio que forem se aprimorando na construção de um modelo alicerçado nestas idéias chegarão a uma avaliação adequada à realidade educacional brasileira. O aluno se sentirá confiante em participar desta seleção e ela transcorrerá sem traumas. O mito do vestibular terá sido eliminado.

Marcos da Rocha Vaz

Professor Adjunto do Depto. de Eng. Elétrica da UFF.
Coordenador Geral da Coseac/UFF (Coordenação de Seleção)
entre novembro de 1998 e abril de 2000

***“Não se quer
saber se o jovem
canta bem ou é um
exímio pescador.
Esses talentos não são
medidos”.***

Patrícia. Rubim

“Às vezes um jovem não passa no vestibular, mas ele tem milhares de outras competências. Não se quer saber se ele canta bem ou é um exímio pescador. Esses talentos não são medidos”, critica Patrícia.

Quando se fala em competitividade, em geral, o exame aparece como fruto da desigualdade social. Um mal necessário? “O vestibular só vai desaparecer quando houver vaga para todo mundo nas universidades. Enquanto isso não acontece, o exame tem que ser seletivo”, opina o professor Edson.

De fato, a UFRJ, por exemplo, maior universidade do país, oferece, este ano, um total de 6.120 vagas para cerca de 50 mil candidatos. Basta fazer as contas e perceber o abismo entre oferta e demanda.

A professora Juçara coloca o dedo na ferida: “se existisse uma política de educação séria nesse país, o vestibular não seria necessário. Ele avalia quem teve oportunidades, nunca os outros. Na minha época, ainda era mais fácil um pobre entrar na universidade. Hoje, é muito mais difícil”.

E é possível mudar? É Patrícia Rubim que responde: “Eu acho que o vestibular acontece porque as pessoas ainda não ousaram fazer diferente”.■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

CANAL ABERTO

Conforme prometido no número anterior, a APM comunica o esquema de funcionamento de sua nova sala. O espaço, localizado atrás da Cantina do Alemão, estará aberto de segunda a sexta-feira, das 12 às 18 horas e aos sábados, das 9 às 12 horas. A expectativa é de que o local se transforme num canal privilegiado de comunicação entre os pais e a Associação. ■



A CHAMA

A equipe responsável pela “chama” agradece a todos que colaboraram para a realização desta edição e, especialmente, a Lúcia e William, pela enorme paciência e atenção.

E se você tem críticas a fazer, sugestões de conteúdo para dar ou acha que pode ajudar de alguma outra forma na elaboração do próximo número, entre em contato. Sua colaboração certamente vai servir para tornar a revista cada vez melhor. ■



PARCERIA NOTA 10

No dia 30 de março, em Brasília, o Projeto Jaguaruana recebeu do *Comitê das Entidades Públicas no Combate à Fome e Pela Vida*, COEP, o Prêmio Mobilização Nacional 1999.

Dentro do tema “a mobilização individual e coletiva de entidades e seus empregados no enfrentamento dos problemas sociais”, o Projeto Jaguaruana foi um dos indicados pela Petrobrás ao COEP, em outubro do ano passado.

O comitê privilegiou projetos que mostravam tanto ações alternativas como a capacidade das pessoas de, pelo trabalho voluntário, promover o exercício da cidadania. O objetivo do prêmio é mostrar que, se a sociedade civil se organizar e as grandes empresas apoiarem, muita coisa pode mudar.

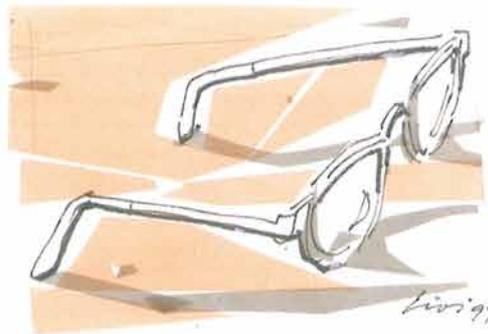
O Jaguaruana está de parabéns, mas como diz Ricardo Lisbôa, coordenador do Projeto, esse prêmio é de todos que acreditaram e contribuíram para que as idéias saíssem do papel e se transformassem em realidade.

Dessa forma, não podemos deixar de destacar o papel da APM e dos Grêmios Estudantis do Colégio São Vicente. Ao patrocinarem o salário de três professoras, durante seis meses, essas entidades estão contribuindo diretamente para a alfabetização de 50 adultos da comunidade da Jurema, uma das assistidas pelo Projeto.

Perguntado sobre a parceria da APM com o Projeto Jaguaruana, seu presidente, Jorge Faulhaber, foi taxativo: “Nossa participação no Projeto se enquadra rigorosamente dentro da filosofia Vicentina. Devemos continuar com este e incentivar outros semelhantes”. ■

PADRE ALMEIDA

A APM gostaria de deixar registrada a sua homenagem pelo aniversário de um ano da morte de Pe. Almeida, ocorrida em 11 de maio de 1999. Ao amigo, que sempre nos apoiou, nossa lembrança e nossa saudade. ■



SOLTANDO A VOZ

Se você acredita no velho ditado “quem canta os males espanta”, aproveite a oportunidade. O Coral de Pais e Amigos do Colégio São Vicente está aberto a novos integrantes. O Coral é um dos cinco que existem na Escola. Com cerca de 30 componentes, é especializado em Música Popular Brasileira. Foi criado há menos de dois anos e, sob o comando de Malu Cooper, já começa a se projetar fora dos limites do Colégio. No ano passado, recebeu convites para se apresentar na Igreja Santa Mônica e na Biblioteca Nacional, que completava 189 anos. Atualmente, o coral está em fase de preparação de repertório. O valor da mensalidade é de R\$25,00 para pais de alunos e de R\$30,00 para pessoas de fora. Professores e funcionários não pagam nada. Os interessados devem procurar a professora Malu, nos ensaios do coral, que acontecem às segundas-feiras, das 19 às 21h, na sala 133. ■





APRENDIZES DA NOTÍCIA

Bolar a pauta, apurar, fotografar, redigir, revisar, diagramar. Ufa! Já deu preguiça? Pois é: as etapas pelas quais passam qualquer publicação jornalística antes de chegar às mãos do leitor não são nada simples. E foi pensando em dar aos alunos do São Vicente a oportunidade de vivenciar todas essas fases que a APM promoveu a sua primeira “oficina de jornalismo”.

A idéia do projeto foi envolver os alunos na elaboração da revista “a chama”, fazendo com que eles participassem de todo o processo.

Foram privilegiados os estudantes do 3º ano do Ensino Médio, que não teriam outra chance de participar. Apesar da dedicação, em ano de vestibular, a corrida contra o tempo acabou atrapalhando um pouco. Dos 15 inscritos, apenas nove chegaram ao final. Uns mais envolvidos, outros menos; mas todos com um enorme problema de horário.

Interessados, eles chegaram a pensar que podiam “fazer a revista” durante a aula. E foi aí que veio a lição número um: antes de escrever, é preciso apurar. E cadê tempo? “Ficamos com muitas atividades para fazer fora do horário das aulas da oficina. E não demos conta de tudo”, justifica Júlia Barros, do 3º A.

A pauta

Um dos maiores interesses da turma era escolher os assuntos que iriam sair na revista. E embora não tenham faltado palpites, algumas páginas já estavam previamente pautadas. “Eu achei que a gente iria participar mais, no sentido de escolher as matérias da revista”, reclama Adriana Rennó, do 3º A.

O tema e a abordagem do “Fórum” foi levantado por eles como uma grande preocupação do jovem de hoje e, na hora de sugerir um nome para o “Perfil”, não houve dúvida. A decisão, quase unânime, já veio até com título: professor Hugo, o bruxo mais querido.

A reportagem

Crachá no peito e papel e caneta em punho, a turma aproveitou a festa de aniversário do colégio para realmente “brincar” de repórter por um dia. Entrevistaram, fotografaram e, principalmente, observaram todos os movimentos. Exatamente como rezam os mandamentos de um bom jornalista.

Nossos repórteres não pararam por aí. As matérias sobre o Grêmio e sobre o Programa de Vocação Científica foram quase inteiramente apuradas por eles. Isso sem contar a nota sobre o Graúna, na página 12.

No “fórum”, mais do que pauteiros, eles foram mediadores. Um pilotava a máquina fotográfica; outros estavam munidos com bloco e caneta; e todos mantinham olhos e ouvidos atentos. Sem falar na língua afiada...

Por fim, a prova final: redigir. Infelizmente, apesar do conteúdo teórico, não houve muito tempo para se trabalhar o texto na prática. Ainda assim, a seção “Fazendo e acontecendo” foi toda apurada e redigida pelos alunos.

O aprendizado

Nas aulas teóricas, eles ouviram falar dos diferentes tipos de textos jornalísticos — editorial, perfil, entrevista, reportagem, artigo, etc —, aprenderam truques de titulação e conheceram a importância e as peculiaridades da imagem jornalística.

Na prática, viram bem de perto as etapas de elaboração de uma revista.

Na pele, sentiram as dificuldades inerentes ao trabalho do jornalista. Colher informações parece coisa rápida? Até “bolo” de entrevistados a turma levou. Titular? Moleza? Levaram mais de hora para encontrar um bom título... “Mas só de ver uma matéria na qual sua participação é minimamente importante, acho que já vale o sacrifício”, conclui Iara Velloso. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



DA ESQUERDA PARA DIREITA: ADRIANA RENNÓ, CAROLINA SANTORO, JÚLIA BASTOS, CLARA BARTHA e MARCELO CANEJO



DA ESQUERDA PARA DIREITA: THOMAZ ALMEIDA, ADRIANA RENNÓ, GUSTAVO MARTINS, IARA VELLOSO, CAROLINA SANTORO, CLARA BARTHA MIGUEL SÁ e MARCELO CANEJO

Para o bem ou para o mal, ele é inconfundível, inesquecível, único. Um professor que afirma não estar preocupado que seus alunos tirem boas notas e que acredita que o bom professor é aquele que usa a sua matéria como pano de fundo, instrumento de um processo geral de educação. Para quem ainda não matou a charada, outra dica: seus métodos de ensino pouco ortodoxos agradam a alguns e provocam pânico em outros. O nome? Bem, acertou quem pensou em Hugo Santos Martins Pinheiro, ou simplesmente: o professor Hugo, de física.

“Um cara muito gente fina que sempre falava com os alunos, mesmo não estando em sala de aula, fosse no corredor, na rua ou no ponto de ônibus... Provavelmente, se ele me encontrasse hoje, falaria comigo numa boa”, afirma o ex-aluno Guilherme de Faria Fernandes, que completa: “Como professor, ele era meio ‘maluco’. Chamava todo mundo de bruxo e de bruxa”.

Mas afinal, o que se esconde por trás de um professor tão querido pelos alunos?

Um difícil começo

Nascido em 27 de julho de 1946, ele não teve uma infância das mais confortáveis. A família não tinha boa situação financeira e o irmão mais velho, Nelson, com sérios problemas de visão, não podia frequentar a escola. Esse certamente foi um dos motivos pelos quais ele foi alfabetizado em casa e só entrou para a escola aos 10 anos, na 3ª série. No ginásio, para desgosto do pai, um ex-seminarista, duas repetências em latim.

Da escola, Hugo foi direto para o serviço militar. Finalmente, aos 21 anos a resolução de fazer o científico. Trabalhar de dia e estudar à noite não era nada fácil e, por incrível que pareça, as maiores dificuldades eram justamente com a física.

A dificuldade virou desafio e depois paixão, quando, com o apoio de um professor e a companhia de quatro colegas, formou a “Sofisma” (Sociedade de Física e Matemática) e se dedicava ao estudo destas disciplinas até mesmo nos domingos e feriados.

No vestibular, uma dúvida: física ou matemática? Por que a física? Bem, quem responde é o próprio Hugo. “Eu tinha uma boa base nas duas matérias, mas acho que a física é menos abstrata, tem mais relação com a realidade”.

A aprovação veio em dose dupla: no vestibular de Física da UFRJ e num concurso para a Petrobras. A escolha era difícil, mas a tuberculose contraída na época do serviço militar foi um fator decisivo. Sob a pressão da família que não queria que ele trabalhasse no “ar poluído” da Reduc, e para a felicidade dos seus futuros alunos, a opção foi o faculdade.



O BRUXO MAIS





A paixão pela educação

Com a base que ele tinha, o início da faculdade foi tranqüilo. A questão, portanto, passou a ser: trabalhar para ganhar dinheiro o mais rápido possível. E o caminho escolhido foi o magistério. Começou a dar aulas no primeiro ano da faculdade e nunca mais parou.

No final da década de 70, começou a ler Marx e passou a compreender a educação como uma ação transformadora. Nas suas próprias palavras: “Estudar é um ato político. Somente a partir do estudo você pode se reconhecer como cidadão. Se você não estuda, não consegue formar uma visão de mundo pessoal e acaba vivendo dentro da visão do senso comum”.

Mais do que fonte de renda, dar aulas virou uma paixão que o ajudou a conquistar outra paixão: Maria Helena, a namorada dos tempos de ginásio. Afinal, como ele mesmo diz: “Foi só a minha situação financeira melhorar que eu fiz a primeira coisa que todo homem faz quando ganha dinheiro: casar”.

A outra face do bruxo

O casamento acabou depois de 25 anos, mas o amor continua e a ex-mulher virou... atual namorada.

Hugo tem dois filhos: Vanessa, de 23 anos, estudante de Direito, e Tiago, de 19, que herdou do pai o amor pela música.

Ah! Você não sabia? Ainda não o viu “dando uma canja” no piano do 4º andar? Sim, o professor Hugo toca vários instrumentos. E essa história começou quando, aos oito anos, foi estudar música junto com o irmão. Aprendeu teoria musical e seu primeiro instrumento foi um acordeom. Chegou a tocar na madrugada, mas não gostou da experiência: “Ninguém prestava atenção e era muito cansativo”. Preferiu manter a música como uma distração.

UMA HISTÓRIA...

Hugo veio para o São Vicente em 1988, para dar aula de complementação noturna para as turmas de vestibular. No segundo dia de aula, uma surpresa: sobre a mesa um misterioso embrulho de jornal. Ele fingiu ignorar o “presente” e tentou dar aula normalmente. Mas foi ficando nervoso, ao ver a turma cada vez mais ansiosa. Sentindo-se testado, passou a aula inteira pensando no que fazer. E o tempo passando e a aula acabando... A solução veio de repente e, para espanto de todos, jogou o embrulho pela janela. Os alunos, estupefatos com a reação do professor, saíram correndo da sala... No embrulho, um “cocô de plástico”, desses que se compra no camelô.

... E UMA EMOÇÃO

Quando dava aula no Sacré Coeur de Marie, os alunos passaram o 2º Grau inteiro tirando fotos dos professores em diversos momentos. Na festa de formatura, mostraram a coletânea de slides e dedicaram uma música a cada um dos mestres. Para ele, o tema escolhido foi “Ao mestre com carinho”.

Mas não é só a música que o atrai... Sempre que pode, “devora” livros de educação, história e filosofia. A leitura o ajuda a preencher o longo dia de quem só dorme quatro horas por noite.

Fã de Schopenhauer, justifica: “Ele é considerado o maior dos pessimistas. Eu me identifico com ele. Sou um pessimista convicto. Tenho medo de ser feliz. Felicidade, para mim, sempre vem acompanhada da angústia da perda”.

Esse pessimismo todo talvez lhe dê um ar de tristeza. Mas será verdade? “Algumas pessoas acham que o Hugo é um cara triste. Eu não penso assim. Acho ele um cara tranqüilo e na dele”, fala Artur, coordenador do Colégio.

Hugo não gosta de festas, odeia praia e não sabe nem em que time o Romário joga. Fumante inveterado, seu primeiro gesto, ao acordar, é acender um cigarro. O vício, que chegou a largar por dez anos, voltou a reboque do chopp, da batata frita e do bate-papo.

Admite que, em 30 anos de magistério, só tem uma certeza: “O São Vicente é um colégio diferente, o único onde o professor é livre para fazer experiências pedagógicas”.

Talvez, por conta dessas experiências, é que seja comum se ouvir pelos corredores do colégio frases como “O Hugo é louco!”, “Hugo é gênio!”.

Inteligente, estudioso, desorganizado, humilde e amigo. Assim é o professor Hugo, um dos mais originais e queridos do Colégio. Um mestre que, considerando-se extremamente intuitivo e vendo o estudo como uma grande diversão, vai passando sua emoção e tentando transmitir algo de positivo e útil para todos que estão ao seu redor. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

Colaboraram: Adriana Rennó,
Lara Velloso, Marcelo Canajo e Miguel Sá



(ESTILO PSICÓSE)

NAS ALTURAS

Andar de perna-de-pau parece difícil, mas para a aluna Clara Andrade, do 3º A, isso é moleza. Desde pequena, ela freqüenta aulas de movimento harmônico, alongamento e perna-de-pau no Coringa, onde sua mãe é uma das diretoras. Clara já fez apresentações no Museu da República e em diversas praças do Rio. Ela pretende cursar Artes Cênicas e acredita que essas aulas irão contribuir bastante para a sua formação. ■



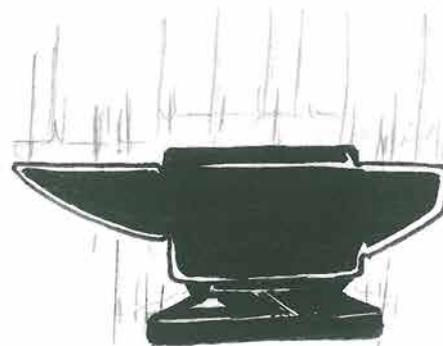
HANNA 2000

AÇÃO!!!

Nã “chama” passada, para quem não lembra, a gente contou que a Maíra Lioi, do 2º D, e mais 12 amigos estavam trabalhando no projeto de um filme enquanto buscavam patrocínio. Pois é... O patrocínio não saiu, mas, através de contatos, eles já conseguiram o material necessário para as filmagens, que estão planejadas para o mês de julho. O filme, que foi escrito por cinco participantes do grupo, é uma paródia dos filmes americanos de *serial killer* e recebe o título de “Aniversário Satânico”. Quem quiser alguma informação sobre o filme, é só mandar um e-mail para a_satanico@yahoo.com. ■

Ô ABRE ALAS

Beatriz Vianna, do 3º C, aprende acrobacia aérea no Hebraica há menos de dois anos e, mesmo com tão pouco tempo de aulas, já faz trabalhos profissionais remunerados. Um deles foi fazer parte da comissão de frente da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, no carnaval de 2000. Atualmente, ela está envolvida com a formação de uma companhia de teatro e dança, ainda sem nome. Para setembro, seus planos incluem a participação, à frente de um grupo de acrobacias, na inauguração de uma empresa. No ano que vem, ela pretende cursar as faculdades de dança e de comunicação. ■



A TODO VOLUME

Se você estava no Sabadão do ano passado, com certeza conhece a banda Bigorna, na qual o Cristiano Abreu, do 3º B, toca baixo. Essa banda de *hard rock* existe há três anos, já se apresentou em vários espaços, como o Mistura Fina e o Lugar Comum, em Botafogo, e não pretende parar tão cedo. Quem quiser conferir, é só falar com o Cristiano. ■

FAZENDO ARTE

Há pouco mais de um ano, a aluna Carolina Santoro, do 3º A, tem um *hobby*. Ela faz pintura decorativa em móveis, objetos e paredes, usando técnicas como pátina, decapê, marmorizado, esponjado e estuque. Para aprender tudo isso, ela teve aulas com a artista plástica Cristina Mathias. Carolina acha esse aprendizado válido, pois pretende trabalhar com decoração de ambientes. ■

ANOTA AÍ...

Se você gosta de poesia, música e teatro, vale a pena conferir o “CEP 20.000”. Esse evento acontece toda última terça e quarta-feira do mês, a partir das 20h30min, no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaitá. Além de assistir às apresentações, você pode participar diretamente do evento. É só ter uma banda, uma cena para representar ou poesias para ler (mesmo que não sejam de sua autoria). Para fazer as inscrições, fale com o Chacal (259 0670), ou com o Pedro Rocha (285 1019). ■

Adriana Rennó (3º A)
Júlia Barros (3º A)

ETC...

CSVP - 41 anos



No ano passado, o Colégio São Vicente entrou na casa dos 40, mas parece que, para ele, a famosa crise da meia idade ainda não chegou. Pelo menos nas comemorações pelos 41 anos o aniversariante não mostrou nenhum desgaste causado pelo tempo. Muito pelo contrário...

Este ano, os festejos começaram dois dias antes com os jogos do intercollegial e com a visita das crianças do Miraflores.

Na festa dos pequenos, as crianças das 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental do Colégio passaram a tarde brincando com os alunos da escola vizinha que, este ano, comemora seu Jubileu de Prata. Teve bolo com velinhas e até sessão de ciúmes entre a meninada. Tudo isso porque Pe. Lauro resolveu vestir, literalmente, a camisa do Miraflores, que ganhou de D. Léa Lima, a diretora da Escola. E teve gente que não gostou nada nada da gentileza.

Além disso, foi montada uma exposição no Colégio, mostrando imagens importantes desses 41 anos de existência.

A grande festa, no entanto, aconteceu no dia 30 de março, quando, mantendo a tradição, o São Vicente comemorou seu aniversário com uma missa seguida de um coquetel.

Os convidados — alunos novos com seus pais, integrantes dos Grêmios, do Graúna e da APM, professores e funcionários do São Vicente — lotaram o auditório do 4º andar para acompanhar a missa presidida por Pe. Lauro Palú e concelebrada pelos padres Maurício Paulinelli, diretor administrativo do Colégio; José Paulo Sales Júnior, um dos fundadores da Escola; Eli Chaves, Superior Provincial da Congregação; Pedro Pereira de Moraes, presidente da Associação das Escolas Católicas; José Atanásio Coelho e Monsenhor José Vasconcelos.

Na missa, momentos marcantes: Pe. Lauro e a Homília cheia de lembranças; Sérgio Maia, Coordenador da Pastoral, e as boas vindas aos alunos novos e seus pais; Jorge Faulhaber, presidente da APM, e a entrega oficial do Projeto Pedagógico.

Depois da missa, o coquetel. Uma verdadeira festa, um espaço de encontro, confraternização e elogios. “O colégio promove uma visão de mundo ampla, abre caminhos, leva à conscientização. Eu sou o que sou, graças ao São Vicente”, garante a ex-aluna Ludmila Simões.

A vontade de participar é tão grande que logo surge uma reclamação antiga: por que não convidam todos os alunos para a festa? A resposta é muito simples e, segundo Artur, o Coordenador Comunitário, “a questão é puramente prática: não tem lugar pra todo mundo. Como todos um dia já foram alunos novos, teoricamente, todos tiveram a sua chance”.

Para Pe. Lauro, o anfitrião, isso é um bom sinal: “Muitos alunos, este ano, queriam vir à festa e não seria só para comer salgadinho ou beber refrigerante. É que a gente gosta de festejar o Colégio onde vive feliz e trabalha com gosto”. E conclui: “Desde que cheguei aqui, em maio do ano passado, já houve várias festas e tenho gostado da organização, do serviço, da familiaridade, do número de pais, alunos, ex-alunos, professores, ex-professores, funcionários, coordenadores e amigos do Colégio que têm vindo. E quando a festa acaba, lá pela meia-noite, e o bufê começa a retirar as mesas e cadeiras, fica uma presença no ar, que não é apenas a lua, sozinha lá em cima”. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

Colaboraram: Adriana Rennó, Ana Luísa Carvalho, Carolina Santoro (fotos), Clara Bartha, Gustavo Martins, Iara Velloso, Júlia Barros, Klívia Hayden, Miguel Sá, Olívia Fontes e Rafael Santana

EM CLIMA DE FESTA



Hoje terminam as festas dos 40 anos do São Vicente. Ainda me lembro dos 25 e do lema da exposição no *ball* deste auditório: “Há 25 anos nasce o São Vicente”. Há 41 anos o São Vicente continua nascendo, como queremos celebrar nesta Missa. Preparei esta homilia um mês inteiro, lembrando o que agradecer a Deus e agradecer-nos uns aos outros.

O fato mais marcante deste ano, de 30 de março a 30 de março, foi a morte do Pe. José Pires de Almeida, Diretor do Colégio. Dia 11 de maio (1999), o São Vicente tomou consciência de si mesmo e de sua identidade. Não se acreditou na morte, o golpe foi chocante, o esquecimento será impossível. À volta do caixão, viram-se os Professores e Funcionários, as famílias, os amigos e sobretudo os Alunos, numa união dolorida e angustiada, feita do sofrimento pela morte e da insegurança pelo futuro. Hoje, temos certeza de que Pe. Almeida não nos faltou nem nos abandonou, nos acompanha e abençoa, continua guiando-nos e dando-nos sementes de estrelas para plantar nosso futuro, como Danilo Lucas o representou no muro do recreio. Hoje sabemos que o Pe. Almeida foi mais que um, pois, junto com ele, cada um dos que aqui estavam se sentia em maioria, às vezes maioria absoluta. Nisso ele foi grande, como ter sido um animador, um inspirador, um guia, modelo tranquilo e acessível, buscando caminhos, feliz pelos acertos, confiado nas pessoas e otimista quanto à vida, ao futuro e aos resultados de um trabalho feito com alegria e fé. Em duas palavras, aqui trabalhavam ele e outros. Dois momentos marcaram sua saudade: a festa que lhe fizemos dia 8 de setembro, pelos 50 anos de seu sacerdócio, e a revista “**a chama**”, com a amizade e o afeto de todos. E aqui, agora, o resumo de tudo numa só palavra, o carinho.

Também morreu Marçal Versiani dos Anjos, segundo Diretor deste Colégio. Cercou-o o nosso respeito e amizade, nossa admiração e gratidão. Foi exemplo de visão do mundo, confiança na inteligência, serenidade na análise, um modelo de estudo e dedicação.

E os vivos o que fizemos? Alguma coisa já é saudade, outras ainda afloram como surpresa e gosto ou amadurecem como esperança e ânsia e as cultivamos juntos com certeza e decisão. No que citarei agora não há cronologias, há lembrança e gratidão.

A festa dos ex-Alunos, 950 pessoas na Quinta do Bosque, foi alegria e saudade brilhando em estado puro. Um Sabadão foi feito em duas partes, um dia de chuva e um dia de sol. Da pintura do muro, lembro e vemos com carinho o trabalho do Iuri Lioi, o rosto do Pe. Almeida e sua mensagem, que a gente faz caminho é caminhando. Além do Sabadão, bandas e pinturas, houve os Domingões do Graúna, Grauninha e

Graunão, a cara da criançada que vocês fizeram felizes e a cara de vocês, da mais pura alegria. Com os Graúnas, vem a lembrança dos hospitais, asilos e creches, aonde vocês levam o fruto das gincanas, agora já não mais calcadas em rebolados de tiazinhas e feiticeiras nem nos trejeitos de macacos de auditório. Vem também a lembrança do sertão baiano de Cocos ou de Jaguaruana do Ceará, onde alguns Formadores e Alunos foram ser uma presença pastoral do São Vicente entre os mais necessitados, dando nomes concretos e rostos marcados aos nossos ideais de justiça e fraternidade. Também tivemos as Feiras, encontros das famílias no Colégio, Pais, filhos e Formadores, na escolha profissional, no amadurecimento do aprendizado, na partilha do saber. Os aulões, com Professores apoiando os conteúdos dos outros, iluminando-se, mostrando como integrar os saberes e como é complexo e forte o humanismo, foram partilha do saber e experiência do interdisciplinar e do transversal dos temas.

As atividades extraclasse foram meios de formar-nos integralmente, ativando e desenvolvendo muitas de nossas potencialidades. No meio de tudo o que os Alunos e Alunas puderam fazer, porque alimentados, bem dormidos, dispoendo de quartos, livros e computadores, destaco a coragem dos que passaram parte das férias de janeiro no Instituto de Matemática Pura e Aplicada, inscreveram-se e engajaram-se nos programas de vocação científica da Fundação Oswaldo Cruz ou estão lutando para realizar seus projetos na Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências (e estou falando de adolescentes de 14 a 18 anos, não de Albert Einstein ou Albert Schweitzer ou Henri Poincaré).

Mas aqui nem tudo é formiga e pudemos ter os Corais, o primeiro lugar nacional do Coral juvenil, o *compact disc* dos Corais, as apresentações nos lançamentos do disco, na despedida do Pe. Geraldo Venuto, no dia da Consciência Negra, e especialmente os ensaios de quase cada dia, quando a constância afina as vozes, a paciência aprimora os arranjos, a repetição doura as superfícies e a convivência amadurece os conjuntos. Os teatros dos pequenos, médios e grandes abriram mundos, iluminaram caminhos, acenderam a fantasia, por meio de fadas, sinos, silêncios, estrelas, tantos São Vicente, rainhas loucas e virgens sábias, pais descobrindo pela primeira vez seus outros filhos e mães cada vez mais corujas. Linda mais que tudo, tivemos a apresentação do conjunto Música Antiga, da Universidade Federal Fluminense, didática, rica de ecos e emoções.

Essa e outras promoções da Associação de Pais e Mestres marcaram este ano, como a ampliação considerável e a atualização inadiável das bibliotecas, as conferências sobre a adolescência e seus hormônios, os adolescentes e seus sonhos,

ILIA PELOS OS DO CSVP



os debates em que os jovens se mostraram mais que jovens, guris provocadores e meninas conscientes. Da revista “a chama” já falei, ao mencionar o Pe. Almeida. Mas ainda posso dizer que a APM esteve presente nas reuniões de Pais, nos Conselhos Pedagógicos das quintas-feiras e em quantas atividades o Colégio promoveu. Escondida, mas nem por isso menos preciosa, a ajuda da APM no estudo e aprovação das planilhas de custos do Colégio e da proposta de aumento nas anuidades escolares.

Nas reuniões de Pais, houve presença às vezes considerável, sempre batalheira e às vezes desarmada, uma prova real de confiança no Colégio e do engajamento na missão comum, como pedi: não aliança e menos ainda cumplicidade, mas parceria imaginosa e apoio amigo. No início do ano, lembrei que não aceitamos que ninguém nos trate como mercadores, porque está pagando, e que, pelo fato de termos feito um investimento considerável em bolsas e ajudas, nem por isso estávamos querendo comprar o silêncio de ninguém. Nas bolsas e nos descontos, quisemos fazer um gesto concreto de ajuda, como pedi a cada uma de nossas casas o Superior Provincial, como um modo de celebrar o jubileu, fazendo uma peregrinação ao mundo dos pobres, que nos freqüentam não apenas no Supletivo noturno...

As reuniões de Professores e Inspectores, quase cada dia, foram minha ocupação, meu campo de trabalho, meu horizonte e meus abismos. Pois lembro emocionado momentos em que pudemos explicitar nossa missão aqui no Colégio, quando quisemos corajosamente alinhar ao lado de todas as forças de resistência também as forças de crescimento que estão fermentando este mundo e o coração de cada um de nossos Alunos. Um momento chave, o de crer que todos aqui somos chamados a passar de professores, inspetores ou funcionários a educadores e de educadores a formadores, quando ouvimos São Vicente mostrar-nos que devemos ser profetas, com ele e como ele, denunciando o que vai contra a dignidade humana, anunciando qual é o projeto de Deus para o homem e sobretudo desencadeando ações verdadeiramente transformadoras.

Com os Professores, vivi dois momentos bonitos, quando Sérgio Drago contou, emocionado, aos pais da 7ª Série que naquele dia estava comemorando 29 anos de São Vicente e quando Marlene Bluhm contou que acabava de completar 40 anos de São Vicente. Ninguém passa impunemente tantos anos por aqui, isto é mais que caminhar descalço sobre as brasas vivas da fogueira de São João.

Dos Professores, quero falar de seu esforço de formação continuada, seja com o doutorado da Ângela Paiva, os cursos de todo um grupo na PUC, o que cada um pôde aprender com

as equipes de Informática ou do Audiovisual ou no Curso de Teologia à Distância, seja com a participação de dois Coordenadores na diretoria da Associação de Educação Católica do Estado do Rio de Janeiro. Nossos Funcionários também puderam ter sua jornada pedagógica no início deste ano. O São Vicente continuou no esforço sério de liderança de um grupo sempre maior de escolas por uma educação melhor; e nosso Grêmio se comprometeu num processo consciente de animação do movimento intercolegial de Grêmios. Alunos aprovados para a universidade já no fim do segundo ano, num discernimento bonito na família e com seus formadores, preferiram continuar conosco, fazendo a síntese final e pessoal de tudo o que já sabem, amadurecendo para o vestibular e para a vida.

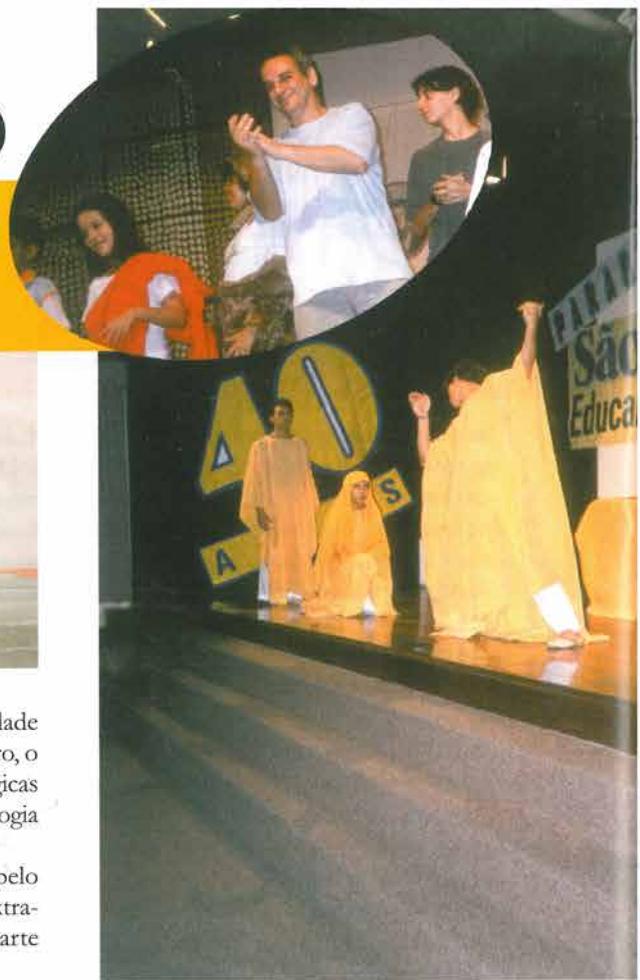
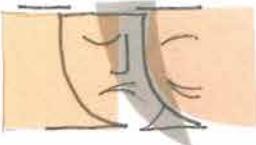
Tivemos reformas neste ano: a do Projeto Pedagógico veio completar a dos espaços físicos da Casa. Quem entra hoje no São Vicente nota a beleza dos espaços, a limpeza das instalações, o carinho com que se é recebido, a sinalização, a harmonia dos jardins, a luminosidade do ambiente. Todos sentimos como é muito mais gostoso estar neste ambiente, como isto apoia o trabalho, alegra o convívio e estimula uma resposta positiva. Pois ainda mais bonito que isto foi o Projeto Pedagógico que a Comunidade em peso se dispôs a escrever e a viver. Mais que tudo, devo ressaltar o processo intensamente participativo, a responsabilidade atenta e a contribuição criativa de Pais, Alunos, Professores, Inspectores, Serviços de apoio, ex-Alunos e Coordenações, da Direção do Colégio e de nossa entidade mantenedora, a Província Brasileira da Congregação da Missão.

No final de 1999 e até hoje, surpreendeu-nos a procura de vagas e continuamos não podendo acolher no Colégio os que ainda nos estão procurando para novas matrículas. O São Vicente não cresceu mais por não querer saturar seus espaços, superlotar como um tempo suas salas; não quisemos, não queremos fazer do número excessivo uma glória, nem da superlotação uma ocasião de manipular consciências e engambelar boas vontades.

Tudo isto estamos agora agradecendo a Deus e quero, como diretor, em nome do Pe. Maurício e de toda a nossa Província, agradecer a cada um de vocês por sua contribuição. E os convido a que, num momento de silêncio pleno e feliz, procuremos lembrar outros motivos de agradecer, nossos motivos pessoais, para que o façamos neste momento, com Cristo e por Cristo, a nosso Deus e Senhor.

Rio de Janeiro, 30 de março de 2000
Pe. Lauro Palú, C.M.

NEM TUDO QUE EDUCA É AULA



Além das matérias regulares, o São Vicente oferece aos alunos a oportunidade de participarem de várias atividades complementares, dentre elas: o teatro, o coral, a Escolinha de Esportes, o comitê Graúna, as excursões — históricas e ecológicas —, o projeto “Ver as artes”, a Escola de Dança e até um curso como o de “Metodologia de Ensino e Pesquisa”.

As atividades, aparentemente tão distintas umas das outras, são definidas pelo diretor da escola, Pe. Lauro Palú, como “atividades extraclasses”, mas não “extracurriculares”. Isso porque são e devem ser sempre compreendidas como parte integrante e devidamente integradas ao projeto global do Colégio.

Na prática, apesar de suas peculiaridades, elas mantêm um ponto em comum, como destaca Artur, coordenador comunitário: “Algumas colocam o aluno no ‘trabalho de campo’, em contato com a realidade. De modo geral, elas servem para arejar o trabalho de sala de aula, porque permitem fazer coisas diferentes. E são, sobretudo, espaços de prazer”.

Um instrumento

Mas isso não é tudo. Segundo o Projeto Pedagógico, as atividades extraclasses devem, sem perder suas características próprias, assumir uma dimensão instrumental e auxiliar os demais setores do colégio. “O raciocínio é simples: se alguém passa mal, é encaminhado para a enfermaria. Se um aluno tem problemas de fala ou é tímido, por exemplo, pode ser orientado para o coral ou o teatro. Quem sabe eles não podem ajudá-lo?”, explica Pe. Lauro.

Isso, no entanto, não é total novidade. Informalmente, muitos professores já faziam isso. “A nossa idéia surgiu da percepção de que deu certo na prática”, explica Artur.

Os resultados podem ser ótimos, como destaca Patrícia Costa, maestrina e professora de música do Colégio: “No coral, tanto o aluno inibido quanto o exibido demais aprendem muito, porque eles precisam se apresentar e, ao mesmo tempo, doar espaço para outra pessoa. O barato do coral é o trabalho em grupo”. Mas ela recomenda um pouco de calma. “A gente tem que tomar cuidado porque coral e teatro não são terapias. Algumas pessoas podem ter experiências emocionais para as quais não estejam preparadas”, avisa.

Arte e educação

Das atividades oferecidas, o teatro é a mais antiga e o coral é a que tem maior visibilidade externa, especialmente depois de ter ganho o primeiro lugar no concurso Funarte, no ano passado. Atualmente, existem coros para alunos, ex-alunos, pais e pessoas da comunidade. “Minha filosofia é aceitar qualquer pessoa que queira cantar. Essa é a única coisa essencial”, diz Patrícia.

Com relação ao teatro, existem dois grupos para adolescentes, coordenados pelo professor Almir, e cinco para os alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, sob o comando do professor Lauro.

Mas como conciliar arte e educação? Na opinião de Lauro, “a escola é o ambiente ideal. Nela, o teatro funciona abrindo caminhos, permitindo que o aluno seja ele mesmo. Nosso objetivo não é formar atores, mas pessoas que gostam de teatro”. Almir completa: “o teatro é fundamental porque ajuda no autoconhecimento e nos leva, assim, a conhecer o outro. Além disso, é um espaço privilegiado de desenvolvimento da cidadania”.

Mas nem tudo é fácil. “O trabalho numa escola requer muito cuidado na hora de se dizer as coisas. Mas não se pode nunca censurar. O segredo é partir daquilo que os alunos querem ouvir”, ensina Almir.

Integração e trabalho conjunto. Este parece ser, desde sempre, o segredo do sucesso. A forma de ação? É Lauro quem resume: “Sempre abordamos as coisas da forma mais crítica possível. Porque essa é uma característica do teatro e do São Vicente”. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

JOVENS CIENTISTAS

Etc...



Professor Pardal, Cérebro e tantos outros. Nas histórias em quadrinhos e nos desenhos animados, o cientista é sempre meio aéreo, irresponsável, desligado ou louco. Mas o que fazer para mudar essa imagem?

Alguns instituições vêm se empenhando em mostrar aos jovens que, na realidade, as coisas são muito diferentes. Esse é o caso, por exemplo, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), que, ao implantarem seus Programas de Vocação Científica (Provoc), possibilitaram a muitos estudantes de Ensino Médio uma nova compreensão do trabalho de pesquisa.

O começo de tudo

Na Fiocruz, o Provoc foi criado em 1986. A idéia, no entanto, era bem mais antiga, como conta a professora-pesquisadora Julieta Vallim de Mendonça: “A preocupação em oferecer esse tipo de oportunidade vem desde Carlos Chagas, quando jovens vinham colaborar ou mesmo quando convalescentes de alguma doença permaneciam no Castelo, interessados no trabalho laboratorial”.

Para integrar o programa, foram convidadas, primeiramente, as escolas públicas de Ensino Médio. Dentre as escolas particulares, foram chamadas as de filosofia humanista. E o São Vicente acabou se tornando um dos primeiros colégios a participarem, ainda em 1986, do Provoc da Fiocruz. E a história não parou por aí...

Posteriormente, à medida em que outras instituições também criaram programas de estágio, o São Vicente manteve-se na vanguarda, participando dos programas do IMPA, há cinco anos, e do CBPF, há quatro anos.

Como funciona

De modo geral, os estágios ocorrem em duas etapas. Na primeira, com duração de um ano, o aluno toma contato com o ambiente científico e com os processos de pesquisa. Na segunda, para os interessados, há um aprofundamento, cujo resultado final é a elaboração e a defesa de uma monografia. Na Fiocruz, entre 50 e 60 alunos participam da etapa inicial e cerca de 20 dão continuidade ao estágio.

O processo de escolha dos interessados varia um pouco de instituição para instituição

No IMPA, os alunos são selecionados para um curso de verão, durante quatro semanas de janeiro. Após o curso, são escolhidos aqueles que farão o estágio de um ano.

Para o CBPF e para a Fiocruz, o processo, que começa no início do ano letivo, é realizado primeiramente no

Colégio e está a cargo de Patrícia Rubim, coordenadora do Provoc no São Vicente. O resultado é dado em julho e o estágio começa em agosto.

Na Fiocruz, a maior procura é nas áreas de química e biologia, mas o aluno também pode optar pelas áreas de história, sociologia e filosofia. Este ano, 24 alunos se inscreveram para concorrer às dez vagas oferecidas.

As motivações de cada um

Segundo a professora Julieta, “a Fiocruz sempre teve por princípio o comprometimento com o ensino e a educação, além da obrigação cívica de devolver à sociedade jovens críticos”.

No que diz respeito ao Colégio, é Patrícia Rubim quem fala: “A possibilidade de o aluno de Ensino Médio circular no ambiente científico e poder descobrir se tem, de fato, vontade de ser pesquisador é fundamental à sua formação. Além disso, o aluno ganha maturidade, tornando-se mais responsável e organizado”.

E os resultados?

“Profissionalmente, o aluno vive a rotina de pesquisa e sente se gosta desse tipo de trabalho. De maneira ampla, o estágio ajuda a formar cidadãos, pois o jovem acaba convivendo com pessoas de realidades completamente diferentes da sua”, afirma o professor orientador da Fiocruz André de Faria Neto, ex-aluno do São Vicente.

Por partes dos alunos que já participaram do Provoc, tem gente, como Pedro Daltro, do 3º C, que se sentiu desanimado diante das obrigações e da rotina. Outros, no entanto, como Marcelo Novak, também do 3º C, gostaram: “Você compreende melhor o que é a responsabilidade de trabalhar e, apesar de todas as coisas chatas que fui obrigado a fazer, valeu a pena”. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães
Colaborou: Thomaz Almeida (3º C)

DE OLHO NAS URNAS

No início da década de 70, Pe. Almeida, o então diretor do Colégio, inaugurava o Grêmio Estudantil do São Vicente. De lá para cá, muita coisa mudou, mas o espaço conquistado pelos alunos permanece e, ano a ano, o processo de escolha para a liderança estudantil se repete.

Este ano duas chapas se inscreveram para as eleições do Grêmio do Ensino Médio: “Estamos aí”, presidida pela aluna Mariana Medeiros, do 1º D, e “GEMSV – Grêmio do Ensino Médio do São Vicente”, comandada por Thomaz Almeida, do 1º C.

A primeira, composta quase que exclusivamente por alunas, era a chamada “chapa das meninas”; enquanto a segunda, pelo motivo inverso, virou a “chapa dos meninos”.

Como em toda eleição que se preze, depois da campanha, um debate entre as chapas concorrentes.

O debate

Por mais de uma hora, no dia 5 de abril, as chapas falaram sobre suas propostas e responderam a perguntas feitas pelos eleitores. O papel decisivo do debate certamente aumentou o nervosismo dos concorrentes.

Durante o encontro, Lurdes Trindade, professora de geografia, lembrou os alunos da importância histórica, política e social do Grêmio e sua intervenção foi muito aplaudida.

Mas o debate não foi como o público esperava e a platéia não perdoou. As críticas foram muitas. “O debate foi ruim. As chapas, ao invés de mostrarem suas propostas ficaram se agradando”, conta Júlia Pazos, do 1º C. “Me parece que as chapas só se preocupavam com coisas frívolas”, completa Tatiana Ortiz, do 2º A.

Terminado o debate, só restava esperar pelo resultado da eleição, marcada para o dia seguinte.

A eleição

Votaram 359 alunos. E a chapa “GEMSV” saiu vitoriosa com 227 votos, contra 87 para a chapa “Estamos aí”. O número de votos nulos, 40, exprimia a insatisfação dos alunos. Houve ainda cinco votos em branco.

Razões de voto não faltaram. Júlia Pazos, eleitora dos meninos, explica sua escolha: “A ‘Estamos aí’ era muito séria, achava que podia mudar o Brasil”. Já Mariana Ortiz, do 1º A, que votou na chapa das meninas, justifica: “A outra chapa só queria diversão e festas”.

Divergências à parte, uma conclusão geral: o resultado das urnas mostrou que os jovens de hoje estão menos politizados que os de antigamente.

Palavras de quem entra

Para Thomaz Almeida, atual presidente do Grêmio, a vitória da sua chapa se deve à proposta de abrir espaço para que os alunos se tornem realizadores ao invés de meros espectadores ou auxiliares da direção do Grêmio.

Sobre o fato de o Grêmio ter perdido seu caráter político, ele foi enfático: “O papel do Grêmio continua sendo o mesmo de sempre. O que mudou drasticamente foi o mundo. Os interesses, assim como os meios para execução de projetos são outros. Mas a finalidade do Grêmio ainda é a de incentivar a união entre os alunos, promover eventos e defender o interesse do estudante frente à escola e às organizações estudantis”.



Presidente:

Thomaz Almeida, 3º C

Vice-presidente:

Mônica de Souza, 2º D

1º Secretário:

Victor da Cunha, 1º B

2º Secretário:

Frederico Pezzotti, 3º C

Tesoureiro:

Bruno Garcia e Souza, 3º B

A CHAPA
VENCEDORA

Palavras de quem sai

Para quem entra, muitos planos. Para quem sai, a hora é de fazer um balanço. E quem fala é Mônica Machado, ex-presidente do Grêmio. “Eu posso destacar três realizações importantes: a melhor festa junina que o Colégio já teve, o aumento da representatividade do São Vicente na AMES (Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas) e a firme atuação por ocasião da morte do Pe. Almeida.”

Ela acredita que as meninas da chapa “Estamos aí”, apesar de terem mais identificação com ela, ainda são muito novas e isso foi decisivo.

Para os vencedores, um recado: “O importante é manter a calma, não se abater com as reclamações. O reconhecimento pode demorar, mas sempre chega”. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães



formandos 1999

Etc...

TURMA : 3º A

Beatriz P. de Carvalho ♦ Bernardo P. Mota ♦ Bianca N. Bomfim ♦ Carolina C. de A. Pinho ♦ Diego P. Assunção ♦ Diogo D. Fonseca ♦ Elisa B. Addor ♦ Fernanda B. M. Costa ♦ José Antônio M. da Fonseca ♦ Julia C. Tomé ♦ Juliana Zonenzeim ♦ Laura C. M. Castro ♦ Laura W. Bonelli ♦ Leonardo H. Pontes ♦ Leonardo S. Aguiar ♦ Luiza C. Silva ♦ Manuela C. dos Passos ♦ Marcelo de F. Fernandes ♦ Marcelo G. B. Pinto ♦ Maria de P. Bento ♦ Mariana F. Ribeiro ♦ Mila C. P. dos Santos ♦ Monica P. Barsuglia ♦ Monica S. Machado ♦ Natalia C. de S. Ribeiro ♦ Natashia M. Barbosa ♦ Paula G. Rocha ♦ Pedro de A. L. Constantino ♦ Renato S. Rezende ♦ Rodrigo Maier ♦ Simone F. Rennó ♦ Stoyan Gomide ♦ Tatiana L. D. Costa ♦ Tiago R. dos Santos ♦ Vitor de L. R. da Silva ♦ Wagner Luiz S. Fortes



TURMA : 3º B

Amara T. de F. Barroso ♦ Ana Beatriz P. e A. Ardissonne ♦ Ana Paula C. Garcia ♦ Bernardo G. Couto ♦ Bruno de A. Penna ♦ Carla M. Barbosa ♦ Carlos Eduardo Hombeeck ♦ Daniel V. Maletta ♦ Eduardo A. Figueiredo ♦ Elisa R. Maia ♦ Felipe C. Borges ♦ Felipe de O. Quadra ♦ Felipe M. Bayan ♦ Fernanda C. Torres ♦ Fernando P. de Carvalho ♦ Guilherme D. Monteiro ♦ Gustavo de B. Ferreira ♦ Gustavo de Oliveira ♦ Iuri Lioi ♦ Lise F. Farias ♦ Luis Felipe M. de Souza ♦ Luiz Guilherme de S. Conti ♦ Marcelo A. M. Lino ♦ Mariana C. P. Bomfim ♦ Mariana de O. Guimarães ♦ Marina C. F. de Souza ♦ Moema M. Santos ♦ Núbia Narjara V. de Souza ♦ Paula L. Karam ♦ Pedro M. Domingues ♦ Rafael M. Cantoni ♦ Rafael R. M. de Fejes ♦ Rafael B. Serrano ♦ Vinicius C. P. de Carvalho ♦ Vinicius F. R. de S. e Silva



TURMA : 3º C

Antonio Juliano de S. e Silva ♦ Beatriz B. Siffert ♦ Bernardo S. D. Barroso ♦ Carolina C. Peixinho ♦ Carolina F. da Cunha ♦ Daniel Bittar ♦ Daniel S. R. Hampl ♦ Danilo S. Lucas ♦ Diego B. P. Gomes ♦ Diego V. L. de Mello ♦ Erica de S. D. Guimarães ♦ Felipe E. Ferreira ♦ João Eduardo de B. Pires ♦ João M. de O. Castro ♦ Julia F. Rodrigues ♦ Laura R. Ferreira ♦ Lucas S. Tozatto ♦ Ludmila L. Bruscky ♦ Luiz Gustavo R. Silva ♦ Miryam de S. Minayo ♦ Patrícia B. da S. de Oliveira ♦ Patrícia D. Bomeny ♦ Pedro C. Berendonk ♦ Pedro dos R. N. Gomes ♦ Pedro L. Rossi ♦ Pedro S. F. de A. Pinto ♦ Priscila de M. R. F. de Oliveira ♦ Renata C. Goulart ♦ Renata T. Baptista ♦ Renato B. de M. A. Neves ♦ Tatiana F. P. Leite ♦ Thiago M. da S. Ferreira ♦ Vicente M. Campello



DO COLÉGIO PARA OS PAIS

No dia 25 de abril, após uma comemoração de Páscoa, no recreio, a professora de inglês, Izabel, foi dar aula na turma 82. Ao abrir a porta, uma lata de lixo caiu sobre sua cabeça. Surpreendida e magoada, ela saiu da sala e procurou a coordenação.

Durante 90 minutos, as coordenadoras pedagógica e de disciplina e a orientadora educacional refletiram com a turma. Os alunos contaram que a “brincadeira” já é antiga entre eles e que o objetivo não era atingir Izabel.

Eles foram convidados a se responsabilizar pelo ato, tendo, inclusive, um tempo para conversar sem a mediação de qualquer coordenadora. Após a conversa, a retomada da reflexão com a turma ficou difícil. Risos, ironia e enfrentamento marcaram a atitude de quem não acreditava na possibilidade de uma punição coletiva. Com a interrupção do diálogo, no entanto, a opção do Colégio foi suspender a turma por um dia.

Cada aluno recebeu uma notificação a ser assinada pelo responsável e a tarefa de apresentar, por escrito, uma reflexão sobre o tema “Respeito”. Além disso, foi solicitado que eles discutissem o fato com os pais, uma vez que, no dia seguinte, haveria uma reunião das Coordenações com os responsáveis.

Com grande satisfação, recebemos um grupo de pais que, aceitando a parceria, vieram refletir conosco não só sobre aquele fato, mas sobre várias situações que envolvem valores e que merecem atenção especial. Ao final da reunião, a decisão foi de que a discussão prosseguisse em novos encontros.

A equipe de educadores se envolveu no ocorrido, conversando com a turma sobre o assunto. Infelizmente, alguns poucos alunos não demonstraram envolvimento: uns não trouxeram a suspensão assinada e outros não apresentaram o trabalho que lhes foi pedido. Felizmente, alguns pais, que não puderam comparecer à reunião, manifestaram-se através de telefonemas e de cartas, como esta, enviada a Rosana Perez, coordenadora de disciplina, que nos trouxe muita alegria...

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2000.

Prezada Rosana,

Infelizmente, por motivo de trabalho, não posso estar presente à reunião.

Gostaria, no entanto, que você soubesse a minha posição quanto ao incidente ocorrido no dia 25 e que envolveu a turma 82.

Meu filho, Pedro Víctor, esteve diretamente envolvido neste desagradável episódio e, embora, como mãe, eu tenha conversado com ele e expressado meu desapontamento com tal atitude, acho que a punição foi exemplar.

Disse ao meu filho que se não houver uma demonstração clara de limites e uma definição, igualmente clara, de autoridade (tanto no ambiente familiar quanto no escolar), este tipo de “brincadeira” pode causar danos físicos graves, ou até mesmo irreversíveis, nas pessoas - sejam elas professores ou colegas.

Sei que a adolescência é um período difícil de se administrar, pois a necessidade de “transgredir”, “ser diferente” e “desafiar limites” é quase sempre uma forma de mostrar que o indivíduo está se afirmando de maneira diferente dos adultos.

Mas os limites precisam e devem ser definidos com clareza. No fundo, é isto que os adolescentes desejam e pedem, ainda que por vias “tortas”, e nem sempre nós adultos (pais, professores, escola) somos capazes de entender.

Gostaria que você transmitisse à professora Izabel o meu pedido de desculpas por esse episódio lamentável. Gostaria, igualmente, de expressar o meu apoio à decisão da Coordenação de Disciplina pela forma como conduziu o esclarecimento do incidente e a punição, através da suspensão.

Mas que possamos sempre lembrar que somente através do diálogo franco, aberto e firme, outros episódios como este não deverão ocorrer.

Um abraço,

Angela Brandão



Pe. Almeida (1)

Recife, 20 de janeiro de 2000.

Prezado Pe. Lauro
Deus convosco!

Já faz tempinho, recebi o número da revista “**a chama**”, porta-voz escrito do Colégio São Vicente de Paulo do Rio de Janeiro.

Foi quase uma biografia do saudoso Pe. Almeida, que dedicou a maior parte de seu sacerdócio e de seu múnus pastoral à causa deste Educandário. Parecia até que lhe era a menina-dos-olhos, pois sua conversa, quase sempre, girava em torno deste sol luminoso: o Colégio São Vicente. Era o satélite deste astro brilhante, do qual não se desligou, nem mesmo como Visitador. Portanto, era justo se lhe fizesse esta homenagem de gratidão e de saudade! Ele deve estar contente!

Agradeç-lhe a gentileza, pois, apesar de eu estar ausente do Colégio, há 13 anos, ainda sou lembrado por vocês.

Abraço, em São Vicente,
Pe. Silvio Batista Martins

Pe. Almeida (2)

Luz, 20 de janeiro de 2000.

Coirmão e amigo
Pe. Lauro Palu

Este cartão é apenas para congratular-me com você (com a Província afinal!) pelo seu retorno ao Colégio São Vicente e, aproveitando a oportunidade, felicita-lo pela revista “**a chama**” e a bonita homenagem a nosso saudoso Pe. Almeida.

Que o Bom Deus ilumine o seu caminho e o aumento de bençãos neste ano 2000!

Abraços,
Dom Belchior Joaquim da Silva
Neto, Bispo Emérito de Luz, MG

A BANDEIRA DE JOSÉ DONCEU



Escolhi a bandeira do Brasil porque as cores lembram tudo que passei no Nordeste.

O **verde** representa quando eu andava nas matas do Nordeste, via os bichos e, quando uma esperança pousava em minha camisa, sentia que existia esperança para seguir coisas boas na vida. Lembro das frutinhas que comia com sal, que me alimentavam, matavam minha fome. Sentia tristeza ao passar pela mata e vê-la sem folhas ou queimada, era uma destruição. A tristeza acabou, mas a lembrança continua...

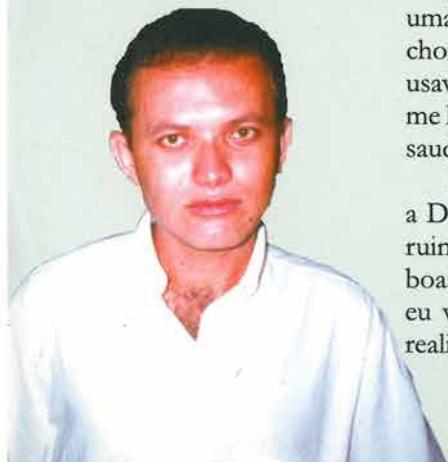
O **amarelo** representa os passarinhos (canários) que eu criava e que me acordavam fazendo sua ladainha. Acredito que quando um canário canta, é porque a alegria está por perto. O amarelo também representa a anemia que as crianças do Nordeste têm muito. Sempre acreditei que essa "amarelíce" sairia do rosto daquelas, pois existe Deus para curar. O verde da mata permitiu que, através de suas folhas, as crianças se curassem, já que não havia dinheiro para comprar remédios.

As **estrelas** representam a escuridão das cidades sem luz onde as pessoas andavam pelas estradas de terra, às vezes até sentavam nas pedras para pedir a Deus que as mantivessem lá para iluminar os caminhos. As estrelas mudam de um lugar para o outro e eu também penso eu um dia mudar para um lugar lindo onde eu pudesse sempre me lembrar das estrelas que serviram de exemplos para a minha vida.

O **branco** lembra as ovelhinhas que eu criava com tanto carinho. Elas morreram e deixaram muita tristeza por não ter como comprar outras. O espaço de criar ovelhas já não existe mais devido à seca. Só restam agora as lembranças...

O **azul** representa a cor dos caixões, pois quando as pessoas morriam só queriam caixões azuis. Isso fazia com que elas acreditassem que ali ia uma coisa de Deus. O azul representa a fé, traz a fé de vencer tanto choro. Lembra também a cor dos vestidos de noiva que as mulheres usavam achando que traria felicidade; mas muitas foram infelizes. Também me lembra meu pássaro Azulão que precisei deixar lá e que me traz muitas saudades. Há pouco soube que ele morreu, o que me trouxe muita tristeza.

Eu sempre tento esquecer esse passado triste na minha vida. Confesso a Deus que não irei esquecer nunca, porque já senti o sabor das coisas ruins e posso contar as coisas boas que tem dentro de mim. As coisas boas estão começando a acontecer. Com essa luta e com força de vontade, eu vou conseguir. A fé está sempre dentro de mim, para que tudo se realize com alegria.



José Donceu

3ª série - supletivo

BRASIL 2000 035
555 7476

R. Tibúrcio, 69
Tabuleiro - Brasília,
DF 25467-087

**Que neste ano não
exista pobreza
mundo e tanta cri-
ança abandonada
ruas**

ROBSON E GABRIEL
T.:64

REMETENTE

Conórbio Oliveira
Rua Cosme Velho 21
Cosme Velho Rio de
Janeiro/RJ

Brasil 500 02 2000
Rua do Carnaval 05
VI Elite
Brasil/BR 20002-
500

Parabéns 500 anos
Brasil PT Espero q
mude na violência
VG nas diferenças
sociais e com desfa-
vorecidos PT Desejo
paz e mudanças PT

Remetentes:

André Valois e André
Leão T. 64

POVO BRASILEIRO
R. FAVELAS E MAN-
SÕES, 500

PARABÉNS PARA OS IN-
DIOS VG NEGROS VG
BRANCOS E MULATOS

REMETENTE: PEDRO E
JOÃO (T.61). R.
POLÍTICOS N 61 2840

- BRASIL/BR

**PARA OS
POLÍTICOS
DO BRASIL**

R. dos Ricos - Vila
do Bo - Bairro dos
Mentirosos

**Parabéns pelos
quinhentos anos
robalheira VG e
injustiça e niver
infeliz PT**

**B R A S I L
MARAVILHOSO**

Rua Brasil-Portugal,
500. VL dos Escra-
vos. BR/ANTIGO

Brasil João Maria VG
Amor harmonia PT
felizniver PT

REMETENTE

Diego e Laura T.:61
Rua Humaitá, 104/
1006 - Rio de Ja-
neiro/RJ

BRASIL

**RUA ORDEM E
PROGRESSO,
1500 Corruptos e
Desolados**

Brasil + 500 anos
para você de amor
e alegria.

REMETENTE

João e Daniel T.: 61
Rua São Vicente de
Paulo 5000

BRASIL UNIDO

Av. de Todos, nº sem
exclusão - Bairro
Sociedade - Cidade
Brasil 500 - Estado
Amigo

**felicidade 500 anos
VG esperança fu-
turo melhor EXCL**

harmonia

REMETENTE:

Harmonia do Mun-
do - R. Companhei-
rismo - nº Feliz

Bairro Solidariedade
Cidade Gentil -
Estado Bom

LUIZA C E LUIZA
B - T.: 64

**PARA OS POLÍTI-
COS DO BRASIL**

Bruna e Fernanda
T.: 61 nº 14 e 04
R. dos Favelados e
Banda Podre

Vila do Peixe
Morto - LAGOA

**BRASIL 2000
(500 ANOS)**

**RUA DOS EX-
CLUÍDOS, Nº
TODOS**

"Brasil vc mostra
sua cara/quero ver
quem para para
gente ficar assim/
brasil VG qual é
seu negócio/o no-
me do seu sócio/
confia em mim
PT" espero que a
chama do seu "co-
ração" nunca se
apague PT
Cariocas e resto do
país

Luiza e Laura T. 61

BRASIL 500 ANOS

R. DA FAVELA
quero que não tenha
mais barracos e
pessoas na rua
Bruna T.: 61

Rua dos Ajudantes,
nº 1000

**RIO DE JANEIRO
B R A S I L
ESPERANÇA**

R.: Igualdade -
Bairro: Brasileiro
Queremos justiça
VG emprego e igual-
dade social
Anajulia

Políticos Cunha Silva
011 352 7345

VL Cabral Brasília -
DF

**Não há nada co-
memorar VG ain-
da há muito me-
lhorar PT**

Estudantes

REMETENTE:

Estudante Espe-
rança (CSVP) Rua
Cosme Velho, 241
Cosme Velho Rio
de Janeiro/RJ
Alexandre e Marcos
R. T.:62

BRASIL DE TODOS

Av. Verde e Amarela
- nº500 - Bairro dos
Índios - Cidade
Maravilhosa - Estado
da Paz

Como Pedro Alva-
res Cabral VG de-
sejo os 500 anos a vc
ó Brasil de terras
amadas e povos
unidos.

Para sempre eu VG

Pedroalvaescabral
REMETENTE

Pedro alvaescabral
R. Cabralzinho, nº
2000

PEDRO S. N. 36 E
ANDRE SORDI

BRASIL vc quem ve

se encanta nunca
mais esquece PT

Continue sempre
assim VG bonito
cheio de graça PT

Lina e Isabel T: 63
Rua Soares Cabral 59

Apt 1108

Laranjeiras - Rio de
Janeiro - RJ

BRASIL

**R.Navegantes de
Cabral - Oceano
Atlântico - Uni-
verso/UN**

Seja muito feliz EXC

Nao desanime vc
você merece muito
mais do que estamos
lhe proporcionando

PT

REMETENTE:
Ramon e Daniel T:
63 - Colégio SVP

DESTINATÁRIO:

Brasil Paraíso Mun-
dial, América do Sul
Terra vista EXCL

Cabral anunciou PT
Brasil 500 - 500 anos
descobrimdo o Brasil

de nossa nação PT
Carol Maite

REMETENTES:

Carolina P. Maite T:
63 - Rio de Janeiro 30
de março de 2000.

Rua do Descobri-
mento - Porto
Seguro

Brasil 023 098 2000
R. dos Ex-desempre-
gados, 99 - Brasi-
leiros felizes, Harmo-
nia/BB 21836-988

**Parabéns por ter
vencido problemas**

PT te amamos PT

Remetentes: Maria
Carolina e Maria
Clara T: 63 - R.

Cosme Velho, 482
VL. Felicidade, Amor

